



Padre
José
Duque

SEUS
CAUSOS
PITORESÇOS



SICOOB CREDIVERTENTES

PADRE JOSÉ DUQUE - SEUS CAUSOS PITORESCOS

1ª Edição

São Tiago, MG
2018

Filiada ao S.C.CREDIMINAS - Cooperativa de Crédito de Minas Gerais, à OCEMG - Organização das Cooperativas do Estado de Minas Gerais e à OCB - Organização das Cooperativas Brasileiras.

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

João Pinto de Oliveira - Presidente

Paulo Melo - Vice Presidente

Alexandre Nunes Machado Chaves, Antonio Vicente de Andrade, Fabiana Andréia Fernandes Diéle Barros de Oliveira, Helder José Daher Chaves, Jasminor Martins Vivas e Renivaldo Renaldo Bageto.

DIRETORIA EXECUTIVA

Flávia Alves Coelho - Diretora Executiva Administrativa

Hélder Resende - Diretor Executivo de Gestão de Risco

Luiz Henrique Garcia - Diretor Executivo Financeiro

CONSELHO FISCAL

Efetivos: Cristiano Almeida, Marlon Castro e Luis Cláudio dos Reis

Suplentes: Henrique Santos Godinho

SICOOB CREDIVERTENTES - Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda.

Endereço: Rua Carlos Pereira, 100 - Centro - 36350-000 - São Tiago - MG

Telefãx: (32) 3376-1386 - E-mail: credivertentes@sicoobcredivertentes.com.br

COLEÇÃO

Vertentes Cultural

ORGANIZADORES DA OBRA

João Pinto de Oliveira, Carlita Maria de Castro Coelho, Marcus Antônio Santiago e Mariane Carla Fonseca

PESQUISA/DIGITAÇÃO

Andréa Fátima de Sousa

COORDENAÇÃO

Adriana de Paula Sampaio Martins e Elisa Cibele Coelho

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)

Pe. José Duque e seus causos pitorescos. (Org.) Carlita Maria de Castro e Coelho, João Pinto de Oliveira, Marcus Antônio Santiago, Mariane Carla Fonseca. Coleção Vertentes Cultural - Cidade: São Tiago, Editora Sicoob Credivertentes, 2018.

110p.; 21 cm

ISBN: 978-85-92917-01-2

1. Literatura brasileira – Contos brasileiros. I. Coelho, Carlita Maria de Castro. II. Oliveira, João Pinto. III. Santiago, Marcus Antônio. IV. Fonseca, Mariane Carla. V. Título.

CDU: 821.134.3(81)-34

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação pode ser fotocopiada, gravada, reproduzida ou armazenada em sistema de recuperação ou transmitida sob qualquer forma ou por qualquer meio eletrônico ou mecânico.

Índice

PRÓLOGO.....	6	NO PÚLPITO	53
INTRODUÇÃO	8	NA RUA	54
PADRE JOSÉ DUQUE: UMA HISTÓRIA	9	FUTEBOL	54
O EXORCISMO	12	BOTICA, LUGAR DE CONTAR OS CAUSOS	55
AH, SE FOSSE OUTRO PADRE.....	13	PIADA SEM GRAÇA.....	55
O BURRO HOSPEDEIRO.....	14	SEGURANDO O RISO.....	56
A MULA QUE NÃO TOLERAVA ESPORAS.....	16	PAPO DE FARMÁCIA.....	56
PROFECIA DO PADRE.....	18	ENCOMENDAÇÃO DE ALMA.....	57
AS TRÊS COISAS BOAS DA VIDA	19	ORANDO ÀS ALMAS.....	58
MATA O BICHO!	19	CAFÉ MEDROSO X CAFÉ VALENTE	59
ACERTO DA CARDENETA.....	20	O CAFÉ “PELANDO”	59
SINCERIDADE.....	21	VIAGEM	60
CHUTEIRAS.....	22	SABOR DO FRANGO.....	61
COMPRANDO FRANGOS.....	23	APROVEITADOR	61
MATO SEM-VERGONHA.....	23	O VÍCIO DO JOGO	61
BATISMO	24	DONA MARIQUINHA	62
PADRE ESPÍRITA	24	SÃO TIAGO DE CHAPÉU	62
O ESTADO BRASILEIRO.....	26	O HOMEM MAIS PODEROSO.....	63
DORMIR OU ACORDAR.....	26	NA PIA BATISMAL.....	63
ENTERRO DA SOGRA DO “DEMO”	27	O PRIMEIRO FREGUÊS DO DIA	64
VENTANIA.....	28	PADRE JOSÉ E OS PAIS DOS JOVENS.....	65
A LADAINHA.....	28	ENCOMENDA SÓ CHEGA SE PAGAR.....	65
VAMOS COM DEUS.....	30	QUIZUMBA DO PADRE COM O POVO	66
LICENÇA? SÓ SE FOR PARA SAIR	31	A PRAGA DOS OITO	66
LICENÇA JÁ FOI DADA, ORAS.....	31	O FRANGO	67
O POMAR	32	REPETECO.....	68
SURRUPIADOR DE FRUTAS.....	33	A PROPOSTA IMPOSSÍVEL	68
REVOLTA DOS MANGANESES	34	GRAÇAS A DEUS!	69
MANGANESES E A PRAGA	34	MESA DE PEROBA.....	70
FESTA EM MERCÊS DE ÁGUA LIMPA.....	35	A CONFISSÃO DO TURCO	70
ME LARGA, MANGANÊS!.....	36	CONSELHOS DO SÓ VIGÁRIO.....	71
A FUGA.....	37	CHORO DE ADULTO.....	72
MILAGRE!.....	37	A MENINA GRIPADA	73
DOMADOR DE ANIMAIS.....	39	O CÃO E O PÃO	73
ACOLHIDA.....	41	INTERVENÇÃO SOBRENATURAL.....	74
ÉPOCA DE POLÍTICA.....	42	QUE CAIA UM RAIOS AQUI E AGORA	75
CAMINHADA.....	42	O SUMIÇO DO DINHEIRO	75
BENZEÇÃO	43	VISÃO DO FUTURO	76
EMPRÉSTIMO.....	44	PASSAGEM PARA O CÉU	76
PEDRO CARÃO	44	LATIM	77
PARA FINTADORES, O INFERNO	45	PASSANDO ‘DE PASSAGEM’.....	78
RECLAMAÇÕES.....	46	A BESTA	79
GRIPE ESPANHOLA.....	46	QUANTOS ANOS, DOUTOR?	80
PECADO.....	47	HORÁRIO É HORÁRIO.....	80
CAVEIRA DE BURRO ENTERRADA	48	AUTORIZAÇÃO EPISCOPAL.....	81
FILHO DO MEU PAI	48	O EXEMPLO COMEÇA EM CASA	84
MAIS UMA VARIANTE DA FOME DO PE. JOSÉ.....	49	DA PRÓXIMA VEZ, BUSQUEM OUTROS GALINHEIROS	85
CHEGADA DO ESPÍRITO SANTO.....	49	SERMÃO DO ENCONTRO	87
COMER COUVE, ARROTAR LOMBO	50	O HOMEM DA CAPA PRETA	88
ROSÁRIO SUMIDO.....	50	DINHEIRO EMPRESTADO	90
GALHO SECO.....	51	TRAJEZISTA	92
VOCAÇÕES.....	51	SERIAM NUVENS?	93
O GUARDA-CHUVA.....	51	A MORTE DO VIGÁRIO 1	94
UMA HISTÓRIA, DUAS VERSÕES.....	52	A MORTE DO VIGÁRIO 2	95
FIM DA VIDA.....	53	REFERÊNCIAS BIOGRÁFICAS.....	107
PARA O INFERNO, NÃO!.....	53		

PRÓLOGO

Ao ensejo do sesquicentenário de seu nascimento e dos 63 anos de seu falecimento, a comunidade são-tiaguense e de toda a região das Vertentes se une para prestar especial reverência a insigne vulto de nossa história: o Revmo. Pe. José Duque de Siqueira (1868-1955).

Assim, o que se leva até o caro leitor – e à posteridade – nas páginas que compõem a presente obra é a relembração, a marca de um homem vocacionado e de notável sacerdote. Na realidade, a vivência do inolvidável religioso, que perpassa entre os séculos XIX e XX, é eivada de episódios, fatos, sabedoria e fortaleza, todos chegando fluentes aos nossos dias.

Ainda hoje, sua personalidade e sua individualidade rescendem fragrâncias das mais sublimadas virtudes: íntegro, humilde, zeloso, exorcista, devotado condutor de almas – por vezes até profético e exegético em suas palavras –, sumamente preocupado e dedicado ao seu rebanho.

Padre José Duque é homem de Deus cujo cântico de pastoreio e preleção evangélica achegam-se ainda aos nossos ouvidos. Alguém que extrapola sua época – pela firmeza doutrinária, pelo missionato ardoroso, pela erudição e, principalmente por sua verve, argúcia e perspicácia surpreendentes. Juntas, essas características legaram-nos famosíssimos “causos” de todos conhecidos, contagiando num rito único quando em rodas narrados. Não por outro motivo, fez-se do vigário um mito!

Um ser humano de exponencial cultura, não só de cunho religioso, mas universal. Leitor ávido, atualizado; viajado, tendo peregrinado pelo país e exterior; poliglota, com domínio pleno de vários idiomas – dentre eles o Francês, que utilizava em seus périplos ao estrangeiro; de largas relações sociais, eclesíásticas e com autoridades, além de cientistas de seu tempo.

Com Padre José Duque, ocorre algo incomum: quanto mais passam os anos, mais se agiganta, mais desfila sua figura pelas mentes, pelos lábios e ouvidos de nossos coevos.

Somos todos seus eternos feis, encantados ouvintes. Seus “causos”, sua saga pastoral e suas palavras percorrem ruas, atravessam os anos, fixam-se indelévels como que saídas incessantemente do túnel do tempo. A qualquer momento, em qualquer lugar, como que surgindo do nada, há alguma menção à sua pessoa. Uma aceitação, uma afirmação popular de-veras surpreendente!

Em suas mãos, leitor, estão textos, em pequenos jorros, reabrindo os refolhos da memória. Uma obra com características de encontro, encanto e repleta de modestas filigranas aflorando ações, lições e testemunhos de uma personalidade autêntica, sumamente humana, profundamente cristã, cuja existência foi totalmente vivida e dirigida às comunidades de seu tempo, de cotidiano provinciano – por vezes monótono – onde atuaria como líder social e evangelizador.

Falar sobre nosso eterno pároco, portanto, é enfatizar o missionário cristão, impreterivelmente atendo a necessidades, carências e ao trabalho infatigável em prol da dignidade humana, da população a ele confiada, pautando-se sempre pela fidelidade, fidedignidade, a mais inquebrantável fortaleza e fé. Temos, também, a chance de resguardar a memória sobre o pastor que dedicou seus dias a curar enfermos da alma, lenir dores existenciais e espirituais, aconselhar, ministrar sacramentos, pregar, realizar a catequese, semear incansavelmente a Palavra Divina.

Padre José Duque seguiu, enfim, os passos de seu grande mentor, São João Maria Vianney (Cura d’Ars): “O sacerdote não é para si, é para vocês”.

Sua presença, essência e imanência – passados mais de meio século de sua partida para o Reino – são inquestionáveis. Continua, portanto, lembrado pela população, mormente por seus recreativos e peculiares “causos” que lhe granjeariam celebridade, admiração, perenidade.



INTRODUÇÃO

Os “causos” do Revmo. Padre José Duque Siqueira ainda são contados em rodas populares, no seio das famílias e eventos sociais, mais de 60 anos após sua morte, ocorrida em 1955.

Assim, os registros aqui contidos e compilados são oriundos exatamente da tradição oral de nosso meio, armazenados, cultivados e transmitidos em conversas e bate-papos de rua, nos bares, no recesso dos lares, à “beira da tulha” (como eram chamadas as pequenas rodas na zona rural), nos momentos de se “bater taquara”, de se jogar conversa fora...

Neste livro, reproduzimos várias histórias tais quais foram e são ouvidas, respeitando-lhes o contexto e a forma como o imaginário popular as situa. /todavia, é importante frisar que, fazendo jus à naturalidade da cultura oral e sua consequente mutação de narrador a narrador, há neste compilado textos com diferentes versões – ou melhor, diferenças quanto ao desfecho, personagens, locais etc. Há, portanto, variados contextos, surpreendentes finais e narrativas decerto adaptadas ou enriquecidas circunstancialmente pela fértil imaginação de nossa gente. A maioria dos “causos” acha-se registrada, ao longo das décadas, em jornais de circulação de nosso meio. Outros, por outro lado, podem ter se perdido.

Nada que prejudique a aura empática, cômica e sábia do religioso. Afinal, Padre José Duque destacou-se pela rara qualidade da facécia, com ditos chistosos, inteligentes, perspicazes, vivazes, de uma fina ironia e entranhado motejo, sendo sutilíssimo nas colocações, no raciocínio ágil e na linguagem surpreendente, metafórica.

Aliás, embora enérgico e até intransigente como pároco e cidadão, era também senhor de proverbial e refinado bom humor. Na realidade, era dotado de especial carisma, espirituoso – e ostentava habilidade nas intelecções, além de temperamento afável, ainda que irredutível em assuntos e questões de fé, doutrina ou ética.

Isso porque associava as ambiguidades e contradições em situações e frases lúdicas, de remate espirituoso, de uma ironia intelectual inigualável, simultaneamente despreziosa e educativa. Era quase uma catarse amortecedora e depuradora dos problemas cotidianos; um tônico contra a rotina e o corriqueiro interiorano, a mediocridade, o marasmo reinante. Com isso, forçava a reavaliação de pensamentos e a revisão dos modos de vida, motivando uma nova abertura ideológica.

A oralidade popular guarda dezenas – senão centenas – de “causos”. Todos pitorescos, de finais surpreendentes e até burlescos – mantendo-se assim viva a imagem e a memória de Padre José Duque, mesmo passado mais de meio século de seu falecimento.

PADRE JOSÉ DUQUE: UMA HISTÓRIA¹

Na antiga Vila de Santa Rita do Rio Abaixo, hoje cidade de Ritópolis, nasceu no dia 11 de fevereiro de 1868 o pequeno José Duque de Siqueira, filho do Sr. Braz Freire de Siqueira e de Dona Francisca Eliza de Jesus. Posteriormente, alguns dias após o nascimento, foi batizado na Igreja Matriz de Santa Rita de Cássia, naquela distinta freguesia.

Sendo uma das únicas no Estado de Minas Gerais, a Diocese de Mariana abrangia grande território eclesiástico. Por isso, seus prelados realizavam visitas pastorais nas freguesias para ministrar às grandes multidões, sobretudo de crianças, o sacramento da Crisma. Assim, o menino José Duque foi crismado na Matriz da Freguesia de São Tiago, perto de Santa Rita do Rio Abaixo. Pouco tempo depois, em fins de 1877, recebeu a Primeira Comunhão na Igreja Matriz de sua terra natal. Já na idade escolar, José Duque iniciou o Curso Elementar (antigo Primário), ficando somente alguns anos.

Família

O piedoso casal Braz e Dona Chiquinha, como também era conhecida, teve três filhos: Lourença (Naninha), Erundina (Dina) e José Duque. No início do ano de 1878, com apenas 10 anos, o menino foi encaminhado para o tradicional Seminário de Congonhas do Campo e, com a conclusão dessa etapa escolar, logo rumou para o vetusto e renomado Seminário Maior São José, onde cursaria Filosofia e Teologia.

Lá, por onde passaram grandes vultos de nossa história, passou também José Duque, que cursou e concluiu toda a sua formação seminarística para se tornar um sacerdote. Assim, o clérigo recebeu a primeira Tonsura Clerical, no dia 15 de março de 1888, em celebração Eucarística presidida pelo Exmo. e Revmo. Dom Antônio Correia de Sá Benevides. Já em 1889, José Duque recebeu as Ordens Menores ou os Ministérios (Leitorato, Ostiariato, Exorcitato e Acolitato).

Por fim, no dia 11 de abril de 1891, em celebração eucarística na cidade de Mariana, o agora Diácono José Duque de Siqueira foi ordenado padre pela imposição das mãos e oração consecratória de Dom Silvério Gomes Pimenta. Pouco depois, sua primeira missa foi celebrada e, no ano seguinte, o padre foi enviado para a Paróquia de Lajes (atual Resende Costa), onde atuou como o sexto pároco entre 1892 e 1899. Nesse ano, o obediente servo divino sentiu que o dever de missionário o chamava. Logo, portanto, foi transferido para a Paróquia de São Gonçalo do Amarante, em Ibituruna, onde permaneceu até 1903.

¹ Fonte: Marcus Santiago, membro do Instituto Histórico de São Tiago

No início do século XX, o antigo Distrito e Freguesia de São Tiago estava sem vigário e, com isso, os atos religiosos eram interinamente realizados pelo Padre Crispiniano Antônio de Souza, à época servindo em Santa Rita do Rio Abaixo.

Chegando o mês de março de 1908, Padre José Duque de Siqueira foi nomeado e tomou posse como responsável pela freguesia são-tiaguense. Ao chegar à comunidade, encontrou muitas obras a serem realizadas – sobretudo na nova Igreja Matriz, que praticamente se limitava ao alicerce. A necessidade o impulsionou a organizar com urgência outra comissão e dar prosseguimento à construção do templo. Até sua edificação, aliás, Padre José Duque lutou muito para que o local ficasse pronto, mesmo enfrentando a falta de recursos.

Passado um longo período de labutas, no Tempo da Graça, dia 12 de agosto de 1922, o religioso deu a bênção à nova Igreja Matriz de São Tiago Maior e Sant'Ana.

Também foi ele que, em 1947, sugeriu ao bispo diocesano de Oliveira, Dom José Medeiros Leite, a criação da Paróquia Nossa Senhora das Mercês, em Mercês de Água Limpa.

Cotidiano

Em São Tiago, a Rua Padre José Duque de Siqueira ostenta mais do que o nome do religioso. Ali, ele viveu boa parte de sua história, residindo com a família na via então nomeada Dom Viçoso. Assim o foi, na verdade, até seu falecimento. Já na Casa Paroquial os moradores eram os vigários cooperadores e coadjutores, atuando no atendimento pastoral e na acolhida a padres em épocas de festas.

Fato é que, durante a sua vida em São Tiago, foi observado o jeito peculiar do religioso. Padre José Duque, com temperamento rígido e amigo no mesmo ser, era pastor que dava atenção a todos quantos necessitavam de um conselho seu. Quando havia precisão de exortar a comunidade, inclusive, ele o fazia com gosto e franqueza. Não deixava para outra pessoa – falava aquilo que pensava. Assim, toda a população do município de São Tiago tinha grande respeito e acolhia tudo o que o sacerdote admoestava. Porém, acima de uma personalidade dura “às vezes”, Padre José Duque tinha um coração cheio de bondade, a ponto de constantemente ofertar frutas colhidas com fartura em seu pomar para quem quer que as quisesse. Gostava muito de ajudar os pobres, dava medalhas às pessoas, era brincalhão com as crianças.

Diariamente, pela manhã, celebrava uma missa. À tarde, às 17h, se dedicava ao Terço de Nossa Senhora. Feito isso, saía ruas afora proseando com amigos ou parando para uma amistosa partida de baralho. Só não era

afeito a falar em política. De resto, dominava as palavras e fazia questão de proferi-las, fosse como missão, fosse como a mais simples interação junto aos seus.

O adeus

Muito culto, Padre José falava magistralmente Latim, Grego, Italiano e Castelhana. Tudo fruto de estudos e grandes viagens ao redor do mundo, incluindo como destino a Terra Santa – seu maior sonho.

Como abnegado pastor, porém, os trajetos que mais realizava envolviam as comunidades locais, atendendo incansavelmente São Tiago, Mercês de Água Limpa e suas capelas rurais, andando várias horas a cavalo com sua batina preta.

Em 1955, porém, se despediu do ofício incansável. Naquele ano, com idade avançada e estado de saúde precário, veio a falecer, em casa, às 15 horas do dia 11 de agosto. O território são-tiaguense parou em comoção. Movimento era visto apenas na residência do padre, onde foi velado. E foi por ali que passaram fiéis, padres de municípios vizinhos e até Dom José Medeiros Leite, bispo diocesano de Oliveira que celebrou as Exéquias em sufrágio da alma de José Duque.

Em reverente piedade, ao chegar ao imóvel onde estava acontecendo o velório, o bispo humildemente se ajoelhou na entrada, na frente e ao lado do padre, beijando-lhes as mãos e os pés em agradecimento e compaixão.

Ao amanhecer, o corpo do Padre José Duque foi todo paramentado com vestimentas litúrgicas, como se fosse presidir a Santa Missa. Próximo dele, Padre Francisco Elói celebrou uma missa especial.

À tardinha, no dia 12 de agosto de 1955, foi a vez do Exmo. e Revmo. Dom José Medeiros Leite rezar pela partida do colega de evangelização, desta vez na Igreja Matriz. Logo depois, uma multidão consternada seguiu os cortejos fúnebres até o cemitério onde, pelas 17 horas, houve o sepultamento do homem que reservou mais de 50 anos de vida em prol da Igreja e do Povo de Deus. Seus restos mortais descansam no Cemitério Paroquial de São Tiago, município a que se dedicou por 47 anos.

Como São Paulo diz na Segunda Carta a Timóteo, Padre José Duque partiu na certeza de que combateu o bom combate, terminou a carreira, guardou a fé.

O EXORCISMO

O Sr. José Gomes fora dedicado trabalhador, servindo e atuando sacrificionalmente durante anos na Fazenda do Pombal, então sob propriedade e administração dos senhores Sílvio e José Flávio.

Sua esposa, senhora de notáveis virtudes, mãe de família e cidadã, merecidamente tinha a estima geral. No entanto, eis que aparece com graves problemas comportamentais, com enfermidade psíquica. Obsessão para alguns, simples loucura para outros, grandes transtornos para a paciente, familiares e amigos.

Tratamentos com médicos de renome, benzedores, curandeiros e outros não surtiram efeito. O “espírito” que estaria tomando a mulher – dizia-se – era “forte”.

Assim, o Padre Elpídio de Freitas, vigário coadjuvante na época, é chamado para acalmar e – quem sabe – aliviar o sofrimento da senhora. Logo que adentra a residência, ele é ridicularizado pelo “espírito” ou “encosto”, que o chama de “homem de saia”, além de outros impropérios. Insucesso.

A família, em última instância, apela ao Padre José Duque, vigário titular e exorcista. Ele se desloca até o lar, incontinentemente, invocando o nome de Cristo e desenvolvendo pequeno ritual... Ordena que o obsessor deixe de importunar aquela senhora e abandone de vez aquele lugar. O espírito, retirando-se, diz ao seu algoz:

– Com o senhor e seu poder sacerdotal eu não posso. Vou fazer o que me manda!

Mas, completou:

– Se fosse outro padre, oh... eu não sairia!

AH, SE FOSSE OUTRO PADRE...

Indigitado cidadão, pai de família exemplar, pacato e devotado ao trabalho, viu-se repentinamente acometido de terrível obsessão. Ou melhor: de atroz obsessão. Fora dominado e subjugado, segundo o conceito popular, por entidade de natureza maligna.

Passou então a delirar e a proferir palavrões e blasfêmias; a agredir pessoas (fossem familiares ou estranhos); a praticar atos de vandalismo em casa e nas vias públicas adquirindo, curiosa e estranhamente, uma força descomunal. Chegou até a derrubar quatro pessoas num átimo! Um transtorno total.

Conduzido com custo a médicos, benzedores e sob medicação de toda ordem, pouco resultado foi obtido. Houve apenas alguns períodos de lucidez.

Passados esses momentos, quando possesso ou admoestado por alguém, o tal homem começava a delatar, em voz alta, os “podres” dos outros. Adultérios, roubos, trapaças comerciais, negócios escusos, fantasias e perversões... Quaisquer deslizes – considerados segredos íntimos, guardados a sete chaves – eram expostos em alto e bom som, rua afora, pelo possesso. Assim desmoralizava mitos e levava o pânico a quem, de um momento para outro, via-se exposto ao julgamento e à execração pública. Era como se o possesso – ou melhor, o espírito possessor – lesse a aura e a mente de cada um. E ninguém escapava: beatas, políticos, comerciantes...

Alguém lembrou, então, de recorrer ao Padre José Duque. Afinal, era dotado de faculdades psíquicas e dons espirituais incomuns, conjugados com a prática permanente e profunda de oração, contemplação, jejum e muita leitura de natureza elevada.

O pároco, após ouvir todo o relato do tão inusitado caso, determinou que o possesso fosse conduzido à Igreja Matriz, fixando o horário. Familiares e conhecidos, engrossados por defesa de curiosos, providenciaram tudo. Percebendo toda a intenção, o homem endemoniado começou a vociferar, entre convulsões:

– Vocês querem me levar até o Padre José?! Lá não vou de forma alguma!

Foi necessária a ajuda de muitos homens, fortes, para contê-lo. Ainda assim, pelo caminho, o possuído ia contando os pecados “cabeludos” de seus condutores, tentando intimidá-los.

No templo chegando, Padre José cumpriu determinado ritual entre

aspersões, preces, palavras de extrema docilidade, carinho e firmeza para com o enfermo. Este se aquietou totalmente, para assombro geral, como se tocado por uma energia paralisante.

Ao final da preleção, na verdade uma aula de orientação e caridade cristã, Padre José pediu ao espírito que deixasse de obsidiar aquele cidadão, não o aborrecendo mais. Falou-lhe também sobre a grandeza do Reino de Deus, do perdão, do supremo amor de Jesus.

O espírito, tocado pelas palavras do pastor, ponderou:

– Vou deixar de incomodá-lo... Mas só porque o senhor está pedindo, Padre José! O senhor é um bom homem, tratou-me bem aqui. Além do mais, escarafunchei a sua vida e não encontrei mazelas. Se fosse outro padre, vocês iriam ver!

O BURRO HOSPEDEIRO

Pe. José Duque era conhecido e respeitado exorcista, temido até mesmo pelos mais empertigados espíritos obsessores (“malignos”, na aceção de alguns religiosos). São dezenas de “causos”, de cunho oral, em que nosso celebrado vigário aparece libertando pessoas tidas como “endemoniadas” ou sendo chamado, às pressas, para acudir famílias cujas casas passavam a ser vítimas de fenômenos estranhos. Tudo variando entre “pedradas” nos telhados, “pancadas” nas portas e janelas, objetos movendo-se espontaneamente no ar...

Sabe-se, por seguras informações de pessoas idôneas e amigos estreitos que lhe frequentavam regularmente a residência, que Padre José era profundo leitor de obras ligadas à Psicologia, à Metapsíquica e mesmo ao Esoterismo, com domínio amplo e avançado sobre manifestações espirituais.

Isso sem falar no excepcional conhecimento de obras clássicas da Teologia e do Misticismo Cristão, além da vida de grandes demiurgos como São Tomás de Aquino, São João da Cruz, Santa Tereza d’Ávila, etc. Dali, hauria uma fundamentação sóbria e sólida à sua prática evangélica.

Homem probo sob todos os aspectos, sacerdote modelar de hábitos ascéticos e ilibados; Padre José tinha todos os predicados para o exercício do exorcismo. Afinal, era à prova de tentações e de fragilidades passíveis de ser apontadas e execradas por terceiros – fosse deste ou do outro mundo.

Certo cidadão, pessoa trabalhadora e dada a negócios e catiras, viu-se subitamente tomado de alucinações e graves crises psicóticas, levando pânico à família e vizinhança.

Padre José foi então chamado, comparecendo à residência devidamente paramentado e de posse de seus inseparáveis instrumentos litúrgicos. Fazia-se acompanhar, ainda, pelo Joaquim Sacristão. Curiosos e ociosos ali se aglomeravam, compondo um caricato ajuntamento. Dentre tantos bisbilhoteiros, achava-se ali o Sr. João Candeia, conhecido boiadeiro que, ao passar pelo local e observando a confusão reinante, apeou de seu estimado burro, prendendo-o pelo cabresto a uma árvore próxima.

Naquele instante, o pároco orava e ordenava ao espírito obsessivo que abandonasse o corpo que não lhe era seu. Este se apresentou como um crente, com alegações de que o “endemoniado” ficara-lhe devendo “uns bons cobres”. Daí estar ali para acertos.

Travou-se um prodigioso diálogo entre dois homens de dimensões espaciais diferentes e dos quais o Evangelho acha-se repleto de exemplos.

Padre José pregou sinceramente sobre o perdão, a grandeza da vida celeste, a suprema bondade e a misericórdia divinas. Embora resistente, o infelicitado espírito dialogou. Parece tornar-se sensível, preso à sábia e caridosa preleção do religioso.

– Acho-me desorientado... Mas para que morada irei? – inquiriu o obsessivo.

– Volte para o mundo espiritual, para o convívio dos anjos. Agasalhe-se nos braços de Deus que o aguarda com todo o amor... – respondeu o vigário.

– Mas não posso deixá-lo... Ele ficou me devendo e minha família passa dificuldades.

– Perante Deus, meu amigo, somos todos devedores. E Ele nos perdoa sempre. Façamos, pois, a nossa parte, perdoadando também e amando até os nossos maiores adversários. Somos irmãos em Cristo.

Eis que o espírito endurecido proferiu ente dentes:

– O senhor, com o seu poder, vai me arrancar do corpo dele... E eu preciso de um novo lar.

Um gaiato que acompanhava todo o dramático quadro, por mera chocarrice, exclamou:

– O Joaquim Sacristão está bem ao seu lado...

– Vade retro! – ele, lívido, prontamente esconjurou.

Padre José prosseguiu, com breviário na mão, orando em latim, buscando apaziguar o espírito ali em aflitivas condições.

Outro zombeteiro presente fez referência então o burro do Sr. João Candeia, à porta da residência. Nesse momento, o obsedado soltou um pungente grito, caindo semidesfalecido sobre o sofá. Enquanto isso o burro, em fulminante arremate, arrebentou o cabresto e atropelou tudo e todos, disparando enlouquecido rua afora. Tudo isso ante o espanto, o estardalhaço e o pavor dos presentes e os gritos de seu desalentado proprietário em inútil chamado.

O enfermo viu-se, doravante, curado, retornando às suas lides normais – decerto se acertando com os familiares do exigente credor. Do burro nunca mais se teve quaisquer notícias!

A MULA QUE NÃO TOLERAVA ESPORAS

Certa senhora, esposa de fazendeiro da família Mendes, dos lados do Monte Pio², achava-se gravemente enferma, em estado crítico. In extremis. Era década de 1920 e a família, sobremaneira religiosa, numerosa, se reuniu em torno do leito da matriarca.

O marido, pressentindo e temendo o desenlace da companheira a qualquer momento, decidiu convocar ali – em tão distanciados ermos – a presença do Revm^o. Padre José Duque. Queria dele o sacramento de Extrema-Unção para a amada.

Um empregado da fazenda, então, foi encarregado de ir à cidade. Às pressas, dois animais, foram arreados. Um deles era uma mula recém-amanhada que ganhou a missão de conduzir Padre José por três léguas corridas.

Em realidade, o peão das redondezas que a domara já havia alertado:

– Este animal, além do queixo duro que não consegui tirar, não tolera esporas de jeito algum.

² O caminho mais curto da cidade para o Monte Pio, naqueles tempos, envolvia passagens por Lingueta, Olaria, em terrenos do Sr. Orozimbo de Castro. Dali, era preciso seguir à Cachoeira da Soledade, em terrenos do Sr. Valdinho Coelho, antes de alcançar o destino.

E complementou em tom de alerta:

– Esporada na barriga é cavaleiro de supetão no chão!

Dizem que o fazendeiro repassara a recomendação exaustivamente ao camarada que buscaria Padre José. E, tão logo chegou ao arraial, o diligente servidor colocou o pároco a par de tudo. Falou sobre a urgência da Extrema-Unção e contou, minuciosamente, sobre as excentricidades do animal que o transportaria.

Porém, pediu ao reverendo que aguardasse por alguns minutos. Antes de retornar à fazenda, iria até o empório comercial do Sr. Sabino Resende, na Praça da Matriz, providenciar compra de miudezas e viveres a pedido do patrão. Era vapt-vupt. Tão logo retornasse, ele se reuniria ao religioso e ambos seguiriam viagem.

Pois bem: assim que o empregado contornou a esquina, Padre José ajaezou-se como cavaleiro, sem se esquecer das esporas chilenas, e rapidamente montou o animal em direção ao Monte Pio.

Ao retornar, o camarada que seria condutor e cicerone do reverendo ouviu de populares o que havia acontecido. Aturdido, bateu atrás, dando larga e solta rédea ao seu animal. No entanto, por mais que agilizasse a marcha ou mesmo galopasse, não conseguia alcançar Padre José. No máximo o avisava, a considerável distância, bem firme nos arreios. Inútil gritá-lo.

O pastor, exímio e experiente cavaleiro, conhecedor palmo a palmo do caminho (bem como de todos os cantos e recantos da região, dada a sua intensa e intermitente assistência religiosa no meio rural), momento algum titubeara.

Além disso, após montar, não tomara conhecimento dos caprichos e calundus da mula. Com rédeas firmes, comando na voz, esporas na barriga e o relho pelas ilhargas, qualquer tentativa do impertinente animal em empinar, estacar, sarandear ou saltar significava rosetas por baixo, azorrague por cima e pelas laterais.

Assim, Padre José chegou à fazenda com bastante dianteira. O encarregado de guiá-lo ficou para trás, levando ainda um quarto de hora para chegar a termo.

Esbaforido e desengraçado, viu Padre José ali inteiro, bonachão, já recepcionado pela família da enferma, ao passo que a mula estava arquejante, em bicas de suor, picada e com mostras de cortes de esporas pelo corpo.

– Mas eu não lhe falei, Padre José, que não podia esporar a mula?! Que seria chão na certa?!

– Se não podia, agora já pode. Acabei de amansar o bicho!

E ao som de comprida e generosa gargalhada, o pároco completou:

– Como vocês podem ver, o único chão que ganhei foi no curral da fazenda... Ao descer e desmontar inteirinho do animal...

PROFECIA DO PADRE

Conta a oralidade local que, nos anos 1940, uma senhora dos arredores do Bananal – ou Barreado, distante alguns quilômetros de Capelinha – estava gravemente enferma. Como a família era muito católica, piedosa e temente a Deus, se viu na obrigação religiosa de solicitar a presença do Padre José Duque para dar-lhe a Extrema-Unção.

O Sr. José Divino (não se sabe se vizinho ou parente) se prontificou a buscá-lo. Rapidamente, preparou cavalo, matula e garrafa de café para, antes mesmo de o dia amanhecer, começar a viagem de quase 40km. Bem à tardinha, cavalo e cavaleiro chegaram cansados à casa do Padre José Duque, que após ouvir Divino pediu à irmã:

– Erundina, prepare a janta e a cama. Este homem deve estar faminto e cansado. Depois, chame um vizinho para dar água e milho ao animal que o trouxe e soltá-lo no pasto. Vá também à casa do “padrezinho” (Padre Francisco Elói) e avise-o de que amanhã, bem de madrugada, irá lá pras bandas de Capelinha, levar a Extrema-Unção a uma enferma.

José Divino ficou apavorado:

– Não vou poder aceitar. Tenho certeza de que a senhora não vai esperar. Ficarei com remorso. Todos irão se preocupar porque vamos chegar lá só amanhã à tardinha.

Ao que Padre José Duque redarguiu:

– Fique tranquilo. Durma sossegado. Descanse. Nada vai acontecer antes da chegada de vocês.

Então o pobre homem obedeceu e, na madrugada seguinte, tudo saiu conforme planejado. Ao chegarem no povoado, Padre Francisco entrou no

quarto da enferma, rezou e administrou o Santo Sacramento acompanhado conscientemente pela moribunda.

Finalizado o ritual, com jantar servido, o religioso lavou as mãos e sentou-se à mesa com o dono da casa. Ao terminarem a refeição, foram avisados de que a senhora estava em paz, chamada santa e silenciosamente para os braços do Pai.

Deus havia, assim, providenciado para que ela esperasse a presença de Padre Francisco e o último Sacramento. Cumpria-se as palavras de fé e a profecia de Padre José Duque.

AS TRÊS COISAS BOAS DA VIDA

Padre José Duque, jocosamente, afirmava que existiam três coisas boas na vida, enumerando-as:

Amigo velho; fumo velho; e bebida velha.

Em verdade, era apreciador de um bom vinho e de uma genuína cachaça, utilizando-os e degustando-os sempre, de forma módica, após alimentar-se. Havia, ainda, a justificativa dos fins medicamentosos. Isso porque fazia parte do receituário popular a ingestão de pequenas doses de produtos alcoólicos, desde que puros e de comprovada procedência, geralmente às refeições. Inclusive “para abrir o apetite”, se fosse o caso. Hábito e tradição, aliás, seguidos por quase todos, independentemente de classes sociais.

Por isso mesmo, Padre José adquiria regularmente – ou com elas era agraciado – garrafas da cachaça “Mato Dentro”, produto famosíssimo na região e presença indispensável nas adegas, residências e boas mesas da época.

MATA O BICHO!³

A tradicional missa das 10 horas – naqueles tempos denominada “Missa dos Fazendeiros” – era celebrada solenemente aos domingos por

³ Caso narrado pelo Sr. Jasminor Vivas.

Padre José Duque e acolhia sempre elevado número de fiéis. Certa vez, quando se encaminhava para o venerando momento da Consagração, o pároco foi pego de surpresa.

Acolitado contritamente pelo sacristão, procedia então ao ritual da sagração do pão e do vinho, dispostos na ambula e na galheta sobre o alvo mantel. Ao levar a bebida aos lábios, no entanto, divisou um mosquito bem vivo, debatendo-se.

Surpreendido ante a inusitada situação, Padre José maquinalmente retornou o cálice ao altar, enquanto apelava ao sacristão “Mata o bicho! Mata o bicho!”, apontando para a mosca se afogando no interior do recipiente.

“Matar o bicho” era, nas rodas dos bares e entre os amantes de bebida alcoólica, na época, um epíteto comum, um jargão corriqueiro e coloquial para designar “tomar um gole”, “beber um trago”, “beber o resto da garrafa ou copo”. Não era o que Padre José Duque pedia, claro. Mas houve confusão.

Como era de se esperar, então, houve perplexidade geral no altar. Enquanto isso, os fiéis especulavam as razões da paralisação da missa, vislumbrando disfarçado rebuliço, além de cochichos entre o celebrante e o acólito.

Eis que o sacristão, momentaneamente apalermado e indeciso, ali pressionado pelo padre e pela expectativa da assembleia, toma surpreendente decisão: sorve de um só gole o Vinho Sagrado! E junto com ele o herético mosquito!

ACERTO DA CARDENETA

Padre José, assim contam, era freguês e correntista de caderneta num conhecido armazém da cidade. E mensalmente quitava sua conta.

Passou a estranhar, porém: o débito, mesmo zerado no acerto do mês anterior, e por mais economia que fizesse, sempre aumentava. Aqueles eram tempos de confiança na palavra, de lançamento manual em livros borradores ou em simples cadernetas. Mas havia, certamente, algo errado. Foi então que o padre observou: o comerciante não “dava baixa” (ou seja, não escrevia o famoso “PG”) no Livro de Fiados.

Assim, qualquer que fosse a quitação, parcial ou total, as cifras seguiam crescendo.

Era preciso uma providência. Mesmo que drástica. Então, no acerto seguinte, Padre José tomou as devidas precauções: certificou-se de seu débito junto ao comerciante e, antes de passar o dinheiro do pagamento, tomou o Livro de Fiado às mãos:

– Dê cá! Daqui pra frente, toda vez que fizermos acerto, quem vai riscar a caderneta sou eu!

E das palavras passou à ação, enchendo de garatujas a página relativa à sua conta corrente. Ao final, emoldurou-a com um enorme “PG”.

SINCERIDADE

Padre José Duque tinha o contumaz hábito de visitar seus paroquianos, mantendo vigilante pastoreio e laços de afetuosa amizade com o seu rebanho. Quer na doença ou em situações delicadas, quer em tempo de calma, o virtuoso sacerdote deslocava-se às residências religiosamente. Nelas, consolava, abençoava, alegrava-se, censurava (se necessário) e, mais que isso, harmonizava a família e o lar que o recebiam. Tudo isso entremeio a um “dedo de prosa” e a um saboroso café-com-biscoito servido pelos anfitriões – dentro dos centenários valores da nossa hospitalidade e tradição.

Nessa rotina, as visitas eram diurnas e vespertinas, já que à noite Padre José dedicava-se a suas orações, seus estudos e suas leituras.

Certa vez, em suas habituais andanças pela seara paroquiana, porém, visitou uma família ao cair da noite e ali decidiu permanecer um pouco mais. Ao se despedir, dando por encerrada a passagem, Padre José ouviu o tradicional: “Não vá! Fique mais um pouco! Ainda é cedo...”.

Ao que o religioso respondeu:

– É por isso mesmo que me vou. Por ser cedo. Se fosse tarde, vocês teriam que me preparar uma cama!

CHUTEIRAS

No final da década de 40, encerrada a II Grande Guerra, o fascínio pelo futebol goleava de letra o país. Àquela época, o esporte contagiava multidões expandindo-se e até interiorizando-se graças à divulgação pela imprensa, especialmente por meio do Rádio. Assim, clubes formavam-se em todos os rincões, ídolos nacionais eram exaltados em grandes manchetes e, além disso, o Brasil preparava-se para sediar a Copa do Mundo de 1950.

Entre nós, aliás, já havia alguns grupos ou clubes desportivos, como o Tupinambás Futebol Clube, fundado na primeira metade do século XX e com estádio no Bairro do Cerrado; e o Cruzeiro Esporte Clube, no Bairro Cruzeiro. Aos poucos, os dois times tornaram-se as grandes tradições dos gramados são-tiaguenses – embora mereçam ainda citação outras equipes, a exemplo do Aliança, do Natal...

Fato é que os jovens acorriam às agremiações para treinamento e prática, sendo o futebol uma das poucas formas de lazer, de exercício e ocupação para os rapazes da época.

As sapatarias, dentre elas a do Sr. Gustavo e a do Sr. Inácio Pantaleão⁴, eram visitadas para a confecção de chuteiras artesanais que pouco ou nada deixavam a desejar se comparadas às industrializadas – praticamente inacessíveis ao bolso de nossos pobres moços interioranos.

Além da prática futebolística, os rapazes – particularmente os da Zona Rural – utilizavam-se das resistentes chuteiras nas lidas campestres e mesmo em atividades sociais. Isso porque o travamento permitia fixação em terrenos acidentados, barrentos, todos próprios de nossa cidade e de nosso dia a dia rural.

Eis que, vindo à cidade certa feita, em um domingo, dois jovens com chuteiras nos pés deslocaram-se até a Igreja Matriz. Queriam cumprir o preceito religioso de frequência à missa dominical e de honra a São Tiago, padroeiro, apóstolo e evangelizador.

Na hora da comunhão, com o peculiar barulho delas ressoando pelo templo, a dupla dirigiu-se ao altar-mor a fim de receber a Eucaristia. Um dos moços, tendo escorregado, atraiu a atenção dos fiéis e do celebrante, o Padre José Duque.

Ao ministrar a Comunhão aos moços o religioso, para a descontração

⁴ À Rua da Fontinha – hoje Rua Francisco de Paula Lara –, onde trabalhavam os irmãos Inácio e Tiago Pantaleão.

geral, gracejou: “Acho que vocês se equivocaram com estes calçados. O campo do Tupinambás é lá embaixo, no Bairro do Cerrado”.

COMPRANDO FRANGOS

Boníssimo, agradável, alma pura, Padre José Duque era ludibriado, às vezes, por algum paroquiano de má fé, ou de espírito chocarreiro, pregador de peças.

Certa noite, alguém bateu à porta da Casa Paroquial oferecendo frangos. E alguns foram adquiridos de pronto pelo Padre José, que sequer se deu ao trabalho de examinar as aves e de identificar o vendedor. Cabe lembrar que a cidade não dispunha, então, de iluminação elétrica, ficando as ruas virtualmente às escuras e as residências servidas – via de regra – por toscos lampiões a carbureto e lamparinas a querosene.

Sendo assim, o religioso comprou os tais frangos simplesmente pela informação do vendedor, encarregando-o ainda de recolhê-los ao galinheiro do quintal.

Mais tarde naquela noite, antes de se recolher ao leito, Padre José recomendou à sua irmã Herondina: “Prepare para o almoço, amanhã, um Frango ao Molho Pardo, pois acabei de adquirir uma partida de caipiras”.

Na manhã seguinte, admirada da algazarra incomum vinda do quintal, a cozinheira foi verificar o que era e voltou correndo, esbaforida: “Olha, Padre José... O galinheiro tá assim de jacu!”.

MATO SEM-VERGONHA

Aproximando-se as festas de Natal e Ano Novo, Padre José contratou os serviços de um enxadeiro do então arraial, São Tiago, para capinar e moldar a horta da Casa Paroquial. Afinal, àquela época, estava toda tomada por picão, marmelada, vassourinhas, heras e ervas típicas do período das chuvas.

O serviço foi iniciado bem cedo, antes de o sol nascer, como era tradição naquele tempo.

Mas lá pelas tantas, após o almoço e a costumeira sesta, deslocando-se até o quintal – local onde apreciava meditar e rezar o breviário – Padre José observou áreas verdes intactas, de ervas não capinadas. Sinal de que o capinador estava “sapecando”, realizando o serviço pelas metades. Incontinentemente, Padre José, tomando a enxada do trabalhador de meia-tigela, passou a capinar, ele próprio, a ervação que ficara “poupada” para trás, censurando-a de forma hilariante e jocosa: “Mato sem vergonha, faz tão pouco tempo que o Zé te cortou e ocê já nasceu de novo?!”.

BATISMO

Ao presidir singela cerimônia de batizado na Igreja Matriz, Padre José pergunta aos orgulhosos e sorridentes pais:

– Como vai se chamar o menino?

O pai responde rapidamente:

– Antoninho, Seu Padre!

Padre José, com sua verve e ironia, redarguiu:

– “Antônio” eu coloco aqui. O “ninho” vocês põem em casa.

PADRE ESPÍRITA

Final do século XIX, Vila Nossa Senhora da Penha de Franca da Laje. Na fazenda, a vida transcorria rotineira: a ordenha de dezenas de vacas, as moendas do engenho de açúcar em ininterrupto funcionamento, o duro amanho da terra, os guinchos dos porcos cevados, o murmúrio das águas, os seixos rolando por serras e córregos abaixo, lavoura, pessoas... tudo ostentando trabalho e atividade.

Eis que fatos assustadores e espantosos passaram a ocorrer, transformando e transmutando a quietude do lugar. Estranhos e ritmados sons perpassavam todos os aposentos, numa aterrorizante sinfonia, simples-

mente se desmaterializando. Sequer a família à mesa tinha sossego para se alimentar, pois pratos e talheres eram estranhamente arrancados e lançados longe, impedindo o repasto de todos. Animais ficavam sobresaltados. Não por outro motivo, uma sensação de nervos à flor da pele, insegurança e temor atingia a todos. Enquanto isso, a austera fazenda foi ganhando fama de mal-assombrada!

Rezas, oferendas, penitências – dentro dos valores religiosos de então – foram, de início, realizadas inutilmente. Os fenômenos até reduziam por algum tempo, mas prosseguiram misteriosos, levando pânico, pouco depois. A família amedrontada decidiu recorrer, então, ao Padre José Duque, vigário daquela paróquia. Eis que ele visitou a fazenda e se inteirou de todos os fatos, anotou, orou. Em seguida, conversou com os moradores indistintamente, desde os familiares do proprietário até os serviçais, trabalhadores, ex-escravos, colonos...

Pelas informações colhidas e por sua própria observação, Padre José – um arguto estudioso da Bíblia e também das Ciências – concluiu que os fenômenos ocorriam com frequência quando estava presente uma jovem, mulata, analfabeta, que trabalhava como serviçal na sede da fazenda. A moça era o epicentro das manifestações!

Então o religioso, após constatar o nível de intensidade dos fenômenos e precisar o canal daqueles assaltos assombrosos, orientou e preparou amplamente a família, em especial a moça médium. Recomendou inclusive vigília mental e espiritual, harmonia familiar, ações de caridade, orações contritas, louvor e fé em Cristo ao longo de uma semana.

Transcorrido esse período, Padre José determinou que, num domingo à tarde, os adultos da casa se reunissem à mesa da sala de jantar, de grandes proporções, em círculo de orações. Pediu-lhes que rogassem, sob permissão de Cristo, que quem estivesse perturbando aquele ambiente se manifestasse, expondo claramente o que desejava ou as razões de sua presença e atitudes próximas à jovem e assustada medianeira.

Foram deixados papel e lápis, de acordo com as diretrizes fixadas pelo sábio e virtuoso pároco. Para pasmo dos presentes, a jovem entrou em transe, sendo o seu braço direito tomado por uma força mecânica. Utilizando então do lápis posto à mesa, passou a escrever garranchosa mensagem. A entidade identificou-se como um irmão do proprietário da fazenda, que há décadas havia se mudado para Uberaba (chamada “Sertão”) e perdido contato com os familiares, em particular os irmãos que tinham permanecido na Laje.

Afirmava a entidade, também, que tinha falecido na comunidade, repentinamente, há algum tempo, deixando dívidas e pendências a serem resolvidas. E que os credores “cá de baixo” não estavam lhe dando sossego no plano espiritual. Daí ele ter vindo até a fazenda do irmão (aproveitando-se da mediunidade instrumental daquela jovem), rogando-lhe que resolvesse seus negócios, enumerando e discriminando valores e nomes. Comprometeu-se, em troca, a não mais molestar a família.

O irmão a tal se obrigou, deslocando-se em jornada até o Triângulo Mineiro, comprovando a morte e sanando todos os compromissos do seu indigitado mano. Feito isso, a harmonia tornou àquelas bucólicas paragens da velha fazenda...

O ESTADO BRASILEIRO

Em uma de suas caminhadas habituais – que eram um ritual diário – Padre José deparou-se com Dona Mariquinha, esposa do Capitão João Pereira. A mulher, então grávida, observava a Praça da Matriz à janela de sua residência.

Após cumprimentos e saudações de praxe, ela queixa-se ao religioso: “Não tenho passado bem”. E apontando para o ventre rotundo, completa: “Também, neste estado...”.

Padre José, entre irônico e paternal, corrigiu-a: “Dona Mariquinha, da gravidez, pelo que sei, a senhora vai bem. O estado que não vai bem é o Estado Brasileiro. É o nosso país!”.

DORMIR OU ACORDAR

O casamento civil fora realizado à tarde, no cartório local. O enlace religioso seria oficiado pelo Padre José Duque no dia seguinte, na fazenda dos pais da noiva.

Eis que, discreta e marotamente, o noivo se acerca do pároco, expondo-lhe:

– Padre, estamos casados no civil e iremos selar os votos na Igreja amanhã. Posso, então, dormir com minha noiva esta noite?

O pastor, entre sério e subitamente álaçre, redarguiu:

– Se você vai dormir, não tem problema. O perigo é você acordar! Como você pode acordar, então não pode dormir.

ENTERRO DA SOGRA DO “DEMO”

Inúmeras nuvens escuras (arredondadas umas, estriadas outras) em ondulações e evoluções multiformes, congestionavam o céu, aglomerando-se sobre a singela cidade. Os transeuntes, celeremente, começaram a se recolher às residências, precavendo-se ante o visível aviso “de cima”. Enquanto isso, comerciantes, às pressas, guardavam suas mercadorias expostas nas portas ou nos passeios das lojas. Já outros moradores abrigavam crianças e animais domésticos, fechavam as janelas e recorriam a orações a São Jerônimo e Santa Bárbara, protetores contra intempéries. Alguns até acendiam velas, queimavam incensos e ervas bentas. Alguém comenta, então:

– Céu pedrento: ou chuva ou vento!

Veio o vento. Uma ventania sibilante, ensurdecidora, impetuosa, dilacerando galhos de árvores, arrancando telhas, arrastando seixos, impelindo terra e areia por todos os lados. As raras pessoas ainda nas ruas, a custo, se mantinham em pé ante a fúria da Natureza.

Eis que o sopro da natureza arranca o chapéu de um sitiante, cidadão simples, postado à porta da botica. Acessório novo, recém-adquirido e que lhe custara uns bons e suados réis – além de muita estima. O homem, então, não tem dúvida: vai atrás da peça, proferindo impropérios e imprecações, atravessando a praça, por sorte, num momento em que o transtorno amainara, permitindo-lhe acompanhar à distância a trajetória da peça a ele tão cara.

Por uma singular coincidência, eis que o chapéu aproxima-se da Igreja Matriz no momento em que Padre José Duque prepara-se para deixar o templo. Este ouve, assim, os vitupérios proferidos pelo camponês. Todos frutos da credice popular:

– Cruz credo! Vento do Cão! Arre, Tinhoso! Minha gente, a sogra do

Diabo mais velho do inferno morreu hoje!

Padre José, observando a luta do homem para recuperar seu valioso chapéu, chama o lavrador e graceja:

– Você está anunciando a morte de uma certa senhora que, aliás, eu não conheço; e que deve morar longe daqui. Precisamos enterrá-la, ainda que à custa de adjutório!

Depois, tirando rápida e teatralmente da batina uma moeda, a entrega ao atônito e desenxabido lavrador, acrescentando:

– É para ajudar nas despesas do funeral. Se precisar, ainda posso mandar muita vela, incenso e água benta!

Afastou-se rapidamente, às gargalhadas, ante o desconcerto em que deixara o pobre senhor – um velho conhecido e atuante paroquiano.

VENTANIA

Padre José Duque caminhava para a igreja, como sempre fazia à tarde, num dia de muito vento. No trajeto, encontrou com um menino que dizia:

– Padre, o demônio mais velho do inferno morreu!

O padre, tirando do bolso 500 réis, disse:

– Toma esta esmola que eu tenho muito dó de órfãos!

A LADAINHA

Época dos solenes festejos em honra a São Pedro. Final do mês de Junho. Idos tempos. O pároco local deslocara-se até a povoação de Carapuças a fim de honrar o sóbrio e venerado padroeiro daquela reverente comunidade. Viagem longa... léguas estiradas, no lombo do cavalo rucilho, com seus pelos brancos, vermelhos e negros. Além disso, missas festivas, batizados,

novenas, bênçãos do Santíssimo ali aguardavam-no.

Antes de sair de São Tiago, a governanta da Casa Paroquial entregara-lhe uma lista com viveres a serem adquiridos para a despesa. Afinal, o imóvel estava sempre cheio de visitantes, religiosos e paroquianos da região. Eis que o religioso, no afogadilho da viagem, enfiara o papelzinho num dos bolsos da sotaina.

E dele se esqueceu mais tarde, já no destino onde queria chegar e foi recebido efusivamente. Ali os moradores, zelosos fiéis, o convidaram e até disputaram para refeições em cada residência do povoado. Numa delas compareceu e participou de lauta refeição quase à hora da missa vespertina. Naqueles tempos, aliás, ela era precedida da reza do terço e de ladainhas. Mas voltemos à mesa, dessas locupletadas de manjares, com pratos variados e fumegantes; salgados; queijos; pães; doces; vinhos e licores caseiros...

Magnetizado pela hospitalidade da casa, seduzido por tantas guloseimas e açoitado por tantas insistências de “coma, experimente mais este”, o reverendo acabou se refastelando em demasia, se empanturrando mesmo e... ficando! Era mais um pitéu, um cálice extra de licor de pêssego... Ah, prazeres da boa mesa! Ah, aquela languidez... Ah, aquele leite que o deixou ronceiro, pachorrento, sonolento...

O sacristão, por vezes, viera alertar o padre sobre o horário, as obrigações litúrgicas da noite. Enquanto isso, a igreja seguiu lotada de fiéis, todos contritos, na expectativa da chegada do pároco e curiosos pela demora.

Enfim, o religioso dirigiu-se ao templo e iniciou as cerimônias, acompanhando depois o hábito da reza do terço e daí às jaculatórias. Tudo com olhos embaçados, lassos... Modorra. Entorpecimento pelo corpo...

Na hora demandada, retirou do bolso o que esperava ser a relação de santos a serem glorificados. Enganou-se, porém, e sacou do bolso, inadvertidamente, a lista de mantimentos que lhe fora entregue pela zeladora da Casa Paroquial:

– Oito quilos de farinha de trigo

– Rogai por nós. – responderam os fiéis em coro, estranhando tão extravagante rogatória.

Mas prosseguiu o oficiante (ao que os presentes responderam, atônitos):

– Cinco quilos de feijão! Dez quilos de arroz! Três quilos de doce de goiaba!

Até que o reverendo recitou:

– Cinco quilos de linguiça! Dez quilos de queijo de minas!

Os fiéis, mulheres em sua maioria, já perplexos com o rol de evocações do pároco e tomados de um misto de estupefação e bom humor, se deleitaram. Ante a evocação de tantos alimentos e iguarias, dedos foram levados aos lábios em espasmos de pudor e malícia. Ainda assim, o público acudiu em unísono:

– Ó, Senhor! Tende misericórdia de nós!

VAMOS COM DEUS

Padre José Duque, periodicamente, promovia visitas pastorais aos povoados e às fazendas da região. Na peregrinação, levava assistência espiritual e conforto aos seus paroquianos, muitos deles vivendo isolados em grotas e socavões, áreas inóspitas e praticamente incessíveis em determinadas épocas. Mas fato é que somente com essas visitas tais fiéis tinham acesso aos sacramentos e ao ofício religioso. Algo feito via único meio de condução na época: cavalo.

Certa feita promoveu em conjunto com o Cônego Heitor, sacerdote virtuoso e vigário da vizinha cidade de Nazareno, um trabalho evangelizador. Ação que ocorreu nas regiões do Cajengá, de Mineração e adjacências, confluências dos dois municípios.

Numa das muitas andanças, dentre tantas então realizadas pelos abnegados párocos, Cônego Heitor exclama:

– Vamos com Deus!

Ao que Padre José, bem-humorado e bonachão, replica:

– Com Deus, hoje e sempre. Mas trate, ante de tudo, de apertar a barrigueira de seu cavalo. Está bem frouxa, Cônego Heitor. Desse jeito você vai é pro chão!

LICENÇA? SÓ SE FOR PARA SAIR ⁵

Certa paroquiana, desejando encontrar-se com Padre José, dirigiu-se à residência dele e bateu ligeiramente à porta. Não encontrando resposta após aguardar algum tempo, decidiu entrar. Deu de cara com a sala e, dali, partiu interior da casa afora enquanto exclamava: “Licença! Dá licença que já estou entrando!”.

Deslocando-se pelos cômodos da casa, a paroquiana chegou então à cozinha, onde estava Padre José com alguns convidados. Todos tomando um lauto Café “Medroso”, tão familiar à cidade de São Tiago.

– Licença, Padre José! – repetiu a paroquiana.

O reverendo, que já tinha ouvido os primeiros brados da senhora, respondeu com sua proverbial ironia e bom humor:

– Você tem toda a licença do mundo... se for para sair!

Ante a paroquiana desconcertada, Padre José completou entre risadas:

– É que licença pra entrar você já ganhou por conta própria!

LICENÇA JÁ FOI DADA, ORAS

O reverendíssimo Padre José Duque, grande vigário de São Tiago em outros tempos, era enérgico, bravo e engraçado. Xingava muito, mas também agradava. Às crianças, por exemplo, vivia oferecendo balas, frutas, doces e biscoitos.

No cotidiano, era um padre que só saía para celebrações e para ir à farmácia do Sr. Henrique Pereira. Era comum, portanto, encontrá-lo em casa ouvindo paroquianos, resolvendo questões da Igreja ou mesmo descansando deitado no sofá. Certa vez, em meio a um desses repousos, chegou o Padre José Heitor, de Resende Costa. Bateu à porta e, impaciente, gritou em seguida:

– Com licença!

O Padre José Duque, lá de dentro, respondeu:

⁵ Causo narrado pelo Dr. Antônio Fernando Oliveira Reis.

– Tem toda!

Padre Heitor, porém, não o ouviu e gritou novamente.

Foi aí que Padre José Duque, alfinetou:

– Licença só se for para sair. Porque para entrar já dei!

O POMAR ⁶

O pomar da residência do Padre José Duque, na esquina entre a Rua Dom Viçoso e a Avenida Benjamim Guimarães, era grande. Na realidade, estendia-se em direção à Pavuna, repleto de vetustas árvores que, alternadamente, produziam frutas o ano inteiro. Havia, aliás, um festival de aromas no ar, envolvendo jaboticabas, mangas, mamões, laranjas, pêssegos e tantas outras maravilhas que, quando maduras, seduziam os paladares de pássaros, moradores próximos e crianças (principalmente!) à distância. Por isso mesmo, elas tinham o hábito de saltar os muros para “roubar” delícias tão apetecíveis e irresistíveis.

Então Padre José, que tinha extremado amor e carinho pelos pequenos, adotou o costume de deixar sempre, na sala de entrada de sua residência, cestas, gamelas ou samburás (recipientes rústicos comuns à época) cheios de frutas frescas, colhidas no pomar, para distribuição a quem por ali passasse. Muitas vezes, ele próprio conduzia os visitantes mirins para a colheita, ao pé, objetivando discipliná-los quanto ao respeito à propriedade alheia e, também, precaver-se de acidentes.

Sob os grossos óculos, o pároco olhava a meninada, distribuindo conselhos e bênçãos a cada um. Tocando-lhes a cabeça enquanto isso, usava sempre as frases:

– Venha cá! Tome essas frutas, meu filho! Não entre no quintal sem pedir licença. Você pode se machucar nos muros, cair das árvores ou ser mordido pelo cachorro!

⁶ Conforme contado pelo Sr. Geraldo Morais (Negrinho do Zé Chico).

SURRUPIADOR DE FRUTAS

Um ditado maroto diz que “o proibido é mais gostoso”. Talvez por esse motivo, alguns meninos insistiam em pular o muro e extrair laranjas, peras, mangas e toda a sorte de maravilhas nos pomares de Padre José Duque. Logo dele, que vivia distribuindo frutas entre os paroquianos – principalmente os pequeninos. Não por outro motivo, se irritava com os furtos.

E é aí que entra a história de Antônio Machado Neto, o “Toniquinho do Quinca”. À época um garoto, recebera a Primeira Comunhão na própria Fazenda Córrego das Pedras, onde morava, numa celebração do já famoso vigário. Algum tempo depois, no entanto, sua mãe o levou a São Tiago para uma confissão. Temeroso, tímido, foi conduzido ao confessionário, onde estava Padre José. Começou, entre ambos, insólita “conversaço”:

– Você, menino, decerto é um dos que estão roubando frutas no meu quintal, não é? Conte-me a verdade, pois você está sob o Sacramento e o Juramento da Sagrada Confissão.

– Mas Seu Padre, eu moro na roça! Vim à cidade apenas me confessar...

– Da roça? Filho de quem?

– Sou neto da Peixe...

E o pároco, com uma gargalhada:

– Ah, então você é um peixinho...

Após algumas observações e admoestações, o virtuoso e engraçadíssimo pastor informa ao aterrado menino:

– Está absolvido. Podes ir. Vá com Deus...

Enquanto se afasta, Toniquinho ouve-o imprecando, voz estrondeando pelos altares e indo até o couro e teto da igreja:

– Ah, se eu ponho a mão nesses meninos ladrões de frutas! Vai ser uma sova daquelas... de ficar três dias na salmoura...

REVOLTA DOS MANGANESES⁷

Durante suas atividades pastorais em Mercês de Água Limpa, no auge da “Revolta dos Manganeses”, Padre José foi vítima de uma série de ameaças feitas por arruaceiros e desordeiros. O motivo? A postura severa do religioso em defesa da fé e da ordem legal, repreendendo em público os desatinos cometidos pelos rebelados...

MANGANESES E A PRAGA⁸

Dizem que, no início do século passado, minas de urânio foram descobertas nos arredores de Mercês de Água Limpa. Por isso, homens apelidados “manganeses” vieram de vários pontos do país desembarcaram na região, visando explorar minérios e, principalmente, a matéria-prima necessária à fabricação de armas atômicas.

Nessa época, nossa comunidade era um povoado com pouco mais de 60 casas. Mas em setembro a população triplicava, pois muitas famílias vinham de longe para homenagear Nossa Senhora das Mercês. Com elas, chegavam fileiras de carros-de-bois carregados de doces, quitandas, jacás de ovos, latas de banha com carne; tulhas de arroz, feijão e fubá; canudos de bambu cheios de frangos; colchões de palha; cargueiros de lenha.

Pois bem: era 24 de setembro de 1918. Os manganeses, rudes operários pertencentes a culturas diversas, conversando em línguas enroladas, se misturaram ao povo. Antes, compraram cachaça num botequim e saíram pelas ruas até se encontrarem com uma multidão acompanhando a procissão de Nossa Senhora, cantando e rezando em latim. Padre José Duque, respeitoso e luxuosamente paramentado, ia atrás. Sinos repicavam alegremente; devotos soltavam bombas e os manganeses, maravilhados, participavam daquela alegria.

Naturalmente, não pararam de beber, agora comentando em alta voz

⁷ O termo refere-se a distúrbios provocados por desordeiros durante festa religiosa em Mercês de Água Limpa. Os envolvidos, conhecidos como Manganeses, eram mineradores vindos de diferentes partes do país e agiram sob liderança de Erasmo Silveira, vulgo “Pernambuco”. Com a prisão dele em setembro de 1918, a confusão tomou proporções ainda maiores, incluindo toda sorte de vandalismo, saques ao comércio, depredação de residências e mesmo abusos contra a população. A ameaça de caos chegou a Bom Sucesso, para onde o agitador foi transferido. No entanto, além do policiamento local e de mobilizar toda a população em sua defesa, o município recebeu reforços militares e armamentos de Lavras e São João del-Rei, o que desestimulou a ação dos revoltosos.

⁸ Conforme pesquisa realizada por alunos da 5ª série na E. E. de Mercês de Água Limpa, em 2004, sob coordenação da Professora Carlita Maria de Castro e Coelho.

a beleza e a magia daquele momento. Sentindo-se ofendido, o vigário pediu-lhes que respeitassem a padroeira e rezassem. Sem compreender o que de fato acontecia, porém, continuaram elogiando a festa. Fiéis horrorizados exigiram uma atitude do delegado que, imediatamente, prendeu um deles, o “Pernambuco”, no porão de sua casa –naquela época não havia cadeia. Revoltados, os manganeses foram para seus acampamentos na mineração e combinaram estratégias que livrariam o amigo da prisão.

No dia seguinte, cem homens voltaram ao povoado em busca do companheiro. Estavam armados com enxadas, picaretas e paus de todos os tamanhos. Perguntaram a algumas pessoas onde estava o “Pernambuco”. Não lhes responderam pois, com medo, não entenderam o que diziam. Ameaçados, padre, delegado e moradores abandonaram atividades, postos, casas e fugiram.

A festa acabou e Mercês de Água Limpa ficou vazia, invadida por estranhos que saquearam e depredaram tudo. Bateram o sino, gritaram e soltaram bombas para chamar a atenção do amigo até ouvirem seus gritos nos fundos de uma casa, ao lado da capela. Libertaram-no e retornaram à lida.

Contam que Padre José jogou-lhes uma praga:

– Hoje eles estão rindo de nós. Amanhã, nós vamos rir deles.

Tempos depois, manganeses ficaram doentes e morreram. Eram necessárias carroças que traziam corpos amontoados para serem sepultados em valas no cemitério. Mesmo sabendo das péssimas condições higiênicas, da carência de recursos daquela gente e das mortais epidemias que assolaram nosso país no início do século XX, ainda hoje há quem acredite no poder maléfico da ira do padre.

FESTA EM MERCÊS DE ÁGUA LIMPA

Celebrando uma missa em Mercês de Água Limpa, com templo lotado de fiéis, Padre José proferiu vigorosa prática que desagradou alguns ali presentes.

Aqueles eram tempos marcados pela violência. A comunidade era palco, então, de inúmeras desordens e arruaças promovidas por forasteiros vindos de toda parte e que ali trabalhavam na extração de Manganês – por isso mesmo, eram conhecidos como “Manganeses”.

Segundo o Sr. Jorge Martins Canaan, em seus relatos sobre o distrito, “já em 1918 a pequena comunidade havia crescido, havendo festa animada. À época, mais de 200 garimpeiros inconformados com a prisão de um de seus homens invadiram a vila, vandalizando tudo que encontraram”.

Quem também trata esse assunto é o escritor Castanheira Filho, em seu livro “História de Bom Sucesso” (Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1973. No impresso, ele frisa que a cidade só não foi atacada pelos rebeldes devido à forte presença militar que se fez ali. Somado a isso, houve preparativos de resistência da população bonsucessense.

Padre José, querendo testar ou presentindo a aberta animosidade de alguns Manganeses, ali travestidos de fiéis, provocou do púlpito:

– Se tiver algum impenitente insatisfeito com a minha mensagem, erga a mão!

Para pasmo geral, no meio dos presentes, um homem obedeceu.

Não teve tempo sequer de se arrepender. Padre José, com grosso castiçal em punho, desceu celeremente do púlpito e avançou sobre o rapaz, que soverteu-se no meio do público e... “pernas pra que te quero!”.

ME LARGA, MANGANÊS!

Durante os graves incidentes e a sublevação de mineradores na “Revolta dos Manganeses”, Padre José Duque viu-se diretamente envolvido nos deploráveis acontecimentos. Ante as violentas ações dos garimpeiros revoltosos, com depredações de firmas comerciais e vias públicas; invasões de residências; heresias e impropérios dirigidos à Padroeira Nossa Senhora das Mercês, o pároco censurou veementemente tais desmandos, acirrando a selvageria dos rebelados – homens sem lei, sem fê, vindos de toda as partes do País – contra o piedoso sacerdote.

O caos, então, imperava à solta no arraial. E viu-se Padre José acuado, ameaçado de morte. Avisado a tempo sobre um grupo de desordeiros amotinados que se deslocava a fim de atacá-lo, o religioso decidiu sair celeremente da cidade, estando já um cavalo arreado à sua espera e devidamente escoltado por um grupo de moradores.

Na pressa e açodamento da fuga, ao se curvar para transpor uma cerca

de arame, uma das farpas enredou-se à batina, inibindo a passagem. Padre José tenso, julgando estar retido por algum de seus perseguidores, gritou:

– Me larga, manganês! Vade retro, Satanás!

A FUGA

No início do século passado, a população de Mercês de Água Limpa – ameaçada pelos manganeses em busca do companheiro preso – fugiu sem rumo certo. Muitos sofreram consequências trágicas.

Uma mulher, que havia dado à luz três dias antes com complicações, estava em repouso absoluto. Deitada em sua cama, muito agasalhada, tomava sopa de galinha, café-com-leite, chás com cachaça queimada. Tudo muito quente. Feliz, cuidava do filhinho, amamentando-o com carinho e amor.

Mas ao ouvir a gritaria nas ruas, ficou assustada. Embrulhou o recém-nascido num cobertor e, correndo, juntou-se aos outros. Seguiu conforme estava em casa, com meias grossas e sapatos; blusas e casaco de lã; lenço na cabeça e ouvidos tampados, apesar do calor.

Chegou ao Córrego Água Limpa e, esquecida do repouso, temendo pelo filho, atravessou pisando na água sem hesitar. Encharcou-se da cabeça aos pés e, logo depois, emendou a correria sem rumo pela tarde afora.

Nunca se soube quando, como, nem onde descansou. Conta-se apenas que, dias depois, foi acometida por resfriado fortíssimo ao qual não sobreviveu.

Padre José Duque, compadecido, teria dito:

– Pobre criança órfã! Pobre mulher! Vítima e mártir! Que Deus perdoe seus pecados e a acolha no Seu Reino.

MILAGRE!

Conta-se que, quando os manganeses saquearam Mercês de Água Limpa, em busca do amigo preso, Padre José Duque temeu vingança. Por

isso mesmo, abandonou festa e povoado, fugindo com familiares, amigos, moradores e visitantes.

O sacristão local, Sr. Joaquim Marques, ficou em vigília. Sozinho na capela, deveria cuidado do sacrário com a Sagrada Eucaristia – preparada para missa que, a princípio, aconteceria naquele dia. Depois de algum tempo, percebendo a gravidade da situação, Joaquim resolveu, sem autorização do padre, levar a âmbula e ir ao encontro dos fugitivos.

Ajoelhado, rezou implorando as luzes do Espírito Santo e a Proteção Divina. Então, a exemplo de tantos santos cujas histórias conhecia aproximou-se respeitosamente do sacrário. Ainda hesitante, tentou abri-lo usando a chave, conforme fazia o vigário. Virou-a e revirou-a várias vezes. Primeiro com muito respeito. Depois carinhosamente. Agora com aflição. Como os manganeses já se aproximavam fazendo a maior algazarra, desistiu.

Correndo, desceu a rua em direção ao Capão das Flores. Ganhou a estrada. Sem descansar, quase voando, suado e ofegante, apanhou a comitiva de fugitivos da comunidade, já bem distante. Num fôlego, disse ao Padre José Duque:

– Senhor, o Santíssimo Sacramento não pode permanecer no meio de tanta orgia!

– Tem razão, Joaquim. Volte lá e traga a âmbula com as Hóstias Consagradas. Caminharemos em procissão e haveremos de encontrar, antes do anoitecer, alguma alma boa que nos acolha e nos prepare espaço digno à celebração da Missa.

Conforme viera, o sacristão retornou.

Ao chegar à capela, encontrou-a invadida pelos revoltosos que tocavam ruidosamente o sino e reviravam tudo. Sem medo, passou por eles, aproximou-se do sacrário, ajoelhou-se, fez uma breve oração – talvez pedindo perdão pela profanação do Templo Sagrado. Depois pegou a chave e ... Milagre! A porta abriu-se com facilidade. Tomou carinhosa e respeitosamente a âmbula, colocando-a delicadamente junto ao coração, debaixo do seu paletó branco de linho, segurando o chapéu com a mão esquerda.

Na capela e na rua os quase cem homens rudes, enraivecidos, agressivos e violentos silenciaram por alguns segundos. Talvez compreendendo a sacralidade e a beleza daquele momento.

Mentalizando orações e cânticos apropriados, depois de caminhar

alguns quilômetros, Joaquim juntou-se aos demais, entregando ao padre a Sagrada Eucaristia. Cumprira sua missão! Na sua humildade estava feliz. Como os santos, cujas histórias aprendera com seus pais, fora guardião e protetor do Corpo de Cristo.

DOMADOR DE ANIMAIS

Durante a fuga dos devotos de Nossa Senhora das Mercês por medo dos manganeses revoltosos, famílias, crianças, jovens e idosos em pânico se atropelavam na estrada estreita.

Padre José Duque, a irmã e a afilhada; além do sacristão de São Tiago, Sr. Joaquim Marques, com a filha Maria Gabriela, fugiam a pé. Afinal, sequer tiveram tempo de preparar seus animais.

O vigário levava respeitosa e cuidadosamente, junto ao peito, a âmbula com as Hóstias Consagradas. Queria protegê-las para que fossem consumidas mais tarde, assim que houvesse condições de celebrar a Santa Missa.

Fato é que o grupo ia quase correndo em procissão, cantando e rezando súplicas e louvores a Deus sob o sol quente. Padre José, que já não era tão jovem, suave em bicas. Maria, a filha do sacristão, temendo pela saúde do religioso e percebendo seu caminhar trôpego, se apressou a ajudá-lo:

– Por favor, gente... Será que alguém aí pode oferecer ao padre seu animal?

– Eu poderia oferecer. Mas meu cavalo veio do peão esta semana. Ainda está bravo, muito inquieto – disse um rapaz.

O padre aceitou prontamente:

– Pois me dê o bicho, meu jovem. Eu também sou peão, domador de animais. Pode colocar minha afilhada na garupa. Passe-me também suas esporas.

O moço retrucou:

– Mas, padre... O cavalo não está acostumado com ninguém na garupa! Esporas, então... Que perigo!

– Fique tranquilo. Confie em Deus e em mim – assegurou o pároco.

O tal rapaz chamava-se Antônio e, apesar de ser ainda muito jovem, era belo e galante. Vestia-se muito bem e a arreata de seu cavalo era a mais luxuosa daquelas redondezas. Conhecido por sua personalidade forte, aliás, era considerado rebelde. Ao mesmo tempo, por ser comunicativo e alegre, sua presença era obrigatória em festas, bailes, novenas e quermesses, sempre rodeado por lindas moças.

A mãe, preocupada com o futuro do herdeiro, temia que não se casasse. Afinal, deduzia que pais de família não queriam as filhas com alguém como ele. Por isso, ao ser avisada que Antônio iria à festa em Capelinha, apressou-se em aconselhá-lo:

– Você não deve ir, filho. O lugar é muito perigoso! Ademais, você já fez dezoito anos, é muito namorador... Podia se aquietar... Será que vai encontrar uma moça trabalhadeira e prendada, de boa família, que o queira e que os pais façam gosto? E seu cavalo, que ainda não está de todo manso?...

O moço respondeu-lhe:

– Não se preocupe, mamãe. Sei me cuidar, tenho medo de nada! Quanto ao casamento, ainda não pensei nisso, quero aproveitar a vida. Homem é do mundo. Então vou à festa em Capelinha no meu cavalo bravo. Não me espere. Não sei hora nem dia de voltar.

Com olhos banhados em lágrimas, a mãe avisou-lhe:

Cuidado! Se ficar solteirão, envelhecendo sozinho, sem ninguém para cuidar de você, lembre-se das palavras e do choro de sua velha mãe...

Pois bem: esse jovem emprestou o cavalo a Padre José Duque e seguiu com a comitiva estrada afora, sem destino certo.

O religioso, no lombo do bicho inexplicavelmente obediente, levava consigo o Santíssimo Sacramento e Geralda, sua sobrinha, na garupa. O povo ia a pé, cantando e rezando, numa procissão desordenada.

Mais tarde, chegaram todos a uma fazenda e foram acolhidos dignamente. Padre José desceu a afilhada da garupa e apeou-se devolvendo o animal a seu dono.

Agradecido, disse-lhe:

– Que Deus esteja sempre com você, meu filho! Será muito feliz. Terá

paz em sua vida.

O tempo passou. A profecia concretizou-se.

Antônio casou-se com uma moça linda. Prendada, trabalhadeira e temente a Deus, descendente de família honrada, honesta e bem conceituada na sociedade são-tiaguense. Educaram os filhos nos bons exemplos, testemunhando-lhes a fé, o amor e a vivência do caráter digno.

Antônio foi feliz. Viveu em paz. Recebeu em dobro o bem que fez naquele dia.

ACOLHIDA

Antes do anoitecer, a comitiva do Padre José Duque foi acolhida numa fazenda cujos moradores estavam muito emocionados. Afinal, nunca haviam presenciado a chegada do Santíssimo Sacramento numa residência. A dona da casa, que estava grávida, recebeu a procissão ajoelhada na porta, entre orações, cânticos e choro de felicidade. Em pouco tempo, transformou o lar num espaço celebrativo digno e solene, enfeitando com simplicidade um altar improvisado, cheio de flores do campo.

O pároco de São Tiago celebrou a missa como se estivesse num luxuoso santuário e os poucos fiéis que estavam presentes participaram devotamente. Depois da celebração, a mulher se apressou em preparar o jantar e as camas para os visitantes. Ela e o marido não cabiam em si de tanta alegria. Os filhos, bem pequenos, não compreendiam o que estava acontecendo, mas ouviram que, quando crescessem, haveriam de entender e ficariam felizes, com certeza. Nunca esqueceriam aquele dia!

Depois de conversarem bastante e de boas gargalhadas – a noite estava linda e agradável – foram todos dormir confortavelmente ao som de mugidos do gado e do canto de galos.

Ao amanhecer, tomaram café e leite quentinho, com biscoitos, queijo e broas. Amigos de Capelinha trouxeram os animais que ficaram por lá e, depois de muitos agradecimentos, Padre José retomou a viagem para São Tiago.

Finalmente chegou o grande dia e a mulher entrou em trabalho de parto – em casa. Com graves complicações, não houve tempo para transportá-la à cidade ou mesmo chamar um médico. Por esse motivo, infeliz-

mente, morreu antes mesmo de a criança vir à luz.

Ao saber da história, dizem que Padre José Duque chorou:

– Um anjo levou para Deus uma santa! Aquela mãe acolheu com tanto amor o Santíssimo Sacramento em sua casa, que o Senhor a quis para sempre junto de Si.

ÉPOCA DE POLÍTICA

Certa ocasião, em período eleitoral, um seletto grupo de políticos são-joanenses deslocou-se para São Tiago em busca de votos, visitando lideranças e autoridades locais. O grupo era formado, entre outros, pelo ilustre são-tiaguense e deputado federal Dr. Augusto das Chagas Viegas; pelo Sr. José Pedro Leite de Carvalho; e por Mozar Novaes. Alguns incluem na história o Dr. Tancredo de Almeida Neves, político iniciante à época.

Pois bem: dirigiram-se os ínclitos representantes públicos à residência de Padre José para uma protocolar e imprescindível parada. Inexistindo campanha na época, gritaram “ô, de casa!” por várias vezes, sem resposta. A solução, então, foi bater à porta.

Dr. Augusto, homem refinado e educadíssimo, o fez levemente. Como não foi atendido, insistiu com bastante força. Afinal, não poderiam deixar de cumprimentar o célebre e virtuoso pároco...

Padre José, despertado pelo fragor da porta e ante a repercussão do barulho por toda a casa, veio atender desconhecendo inteiramente a presença dos visitantes. Dirigiu-se então à entrada de casa, exclamando: “Porta, porta, minha filha... O que foi que você fez para apanhar tanto desses senhores?”.

Outra versão do caso diz que ele se dirigiu aos homens em tom jocoso e perguntou: “Que mal a porta fez procês, pra ela apanhá tanto assim?”.

CAMINHADA

Padre José tinha o costume diário e salutar de fazer caminhada, des-

locando-se da Casa Paroquial à Igreja; da Igreja à farmácia do Sr. Henrique Pereira (e vice-versa); ou, ainda, a casas de paroquianos quando solicitado.

Gostava também – jocoso e trocista –, de interpelar os transeuntes:

– Ocê já vai ou já invém?

E, antes de qualquer resposta, completava:

– Eu não invenho não, porque ainda não fui!

BENZEÇÃO

Toda a população – não só de São Tiago, mas da maioria da vasta região adjacente – tinha o Padre José como um sacerdote virtuoso e probo, pastor lídimo e confiável, sempre a serviço do próximo e da Palavra de Deus. Era um verdadeiro e devotado servo do Senhor. Um taumaturgo, no conceito de outros.

Muitos confiavam piamente na eficácia de sua bênção, a ele recorrendo diuturnamente na Igreja, em sua residência ou na rua. Os pedidos de “santiga” versavam sobre tudo: saúde, problemas familiares, negócios, sentimentos, objetos desaparecidos...

Sempre receptivo, o religioso atendia a todos dentro do mais elevado espírito apostólico, gostando de mencionar que “a oração da fê salvará o necessitado e o Senhor o levantará” (TG 5,15). Tamanho era seu poder de fé, sua vida santificada e sua respeitabilidade, que tornou-se um conhecido exorcista. Diziam não haver espíritos obsessores que resistissem às suas exortações e determinações. Aliás, há quem diga que Padre José era dotado de notáveis faculdades e poderes psíquicos como o da clarividência, sendo temido pelas forças e entidades malévolas.

Certo dia, um agricultor veio pedir-lhe para “benzer” as formigas que estavam infestando seus pastos e lavouras. Com a pilhéria de praxe, o religioso disse-lhe:

– Se é assim... Acho que você quer é que as formigas aumentem!

EMPRÉSTIMO

Pródigo e sensível aos problemas alheios, Padre José era muito solicitado pelos seus paroquianos – sob as mais variadas justificativas – quanto a empréstimos. A quem pedia, emprestava pequenas e mesmo médias quantias, pedidas independentemente do local: na rua, no próprio confessionário ou em seu domicílio, à noite, onde tinha o costume de atender com a porta semicerrada.

Nada de garantias ou de identificar melhor o tomador da concessão financeira, esquecendo-se, às vezes, até de anotar a operação.

Assim, não sabendo a quem entregara dinheiro e nem quanto, transcorrido algum tempo, passava a cobrar os esquecidos, de forma indireta, durante os sermões e homilias.

– Tem gente aí que me deve e não quer pagar!”

Costumava também escalar algum paroquiano – dentre eles o Sr. Altino Mendes – com funções de detetive, a fim de descobrir e cobrar os devedores. Era aquela dificuldade: a quem, como e quanto cobrar, se o próprio credor não tinha a mínima noção?!

PEDRO CARÃO ⁹

Padre José era o cofre, o banco, a tábua de salvação para muitos paroquianos pobres ou apanhados em dificuldades financeiras momentâneas. Sempre tinha, dizem, uns bons trocados para emprestar a juros módicos e prazos esticados. Daí que muitos “necessitados” e “apertados” procuravam-no à noite, na Casa Paroquial iluminada precariamente pela luz da antiga usina ou mesmo por fumacentas velas – quando não virtualmente às escuras.

Geralmente, portanto, mal dava para reconhecer a voz ou silhueta do pedinte do empréstimo. Além disso, o religioso tinha o costume de atendê-los à porta semiaberta, despachando a todos num átimo e com meias palavras.

⁹ Outra versão diz que Sr. Benchico convidou Padre José para celebrar uma missa na Fazenda Monte Alegre – oportunidade em que, estando presentes todos os empregados, o pároco reconheceu seu devedor, a quem denominara “Carão”. Há, ainda, uma terceira narrativa. Segundo alguns, a celebração dominical, nas décadas de 1940 e 1950, ocorria às 10h, configurando a “Missa dos Fazendeiros”. Numa delas Padre José, olhando de relance, teria reconhecido o autor do calote.

Foi o que aconteceu com Pedro, trabalhador braçal na Fazenda do Monte Alegre, de propriedade do Sr. Benchico. Um dia, pediu dinheiro emprestado ao padre. Porém, passado muito tempo, não saldou a dívida. Padre José, em seus sermões, decidiu cobrar o débito sem dizer o nome do devedor ou do patrão. Até que, depois de muitas alfinetadas, revelou que o calote vinha de um empregado do Sr. Benchico.

Por isso mesmo, assim que terminou a missa, o fazendeiro foi à Sacristia e quis saber de Padre José a identidade do maldito. O pároco, porém, não recordava qualquer nome.

O jeito, então, foi combinar o seguinte: Benchico levaria todos os empregados até a cidade para que, assim, o religioso pudesse reconhecer quem o devia. No domingo, lá foram todos eles visitar a Casa Paroquial. Ficaram enfileirados e, após serem analisados, ouviram de Padre José:

– Foi esse carão aqui!

Não deu outra: Pedro ficou conhecido, daquele momento em diante, como “Pedro Carão”.

PARA FINTADORES, O INFERNO ¹⁰

Em tempos recuados, a economia local e regional era muito limitada – senão depauperada. E a população, via de regra, sobrevivia do trabalho braçal nas fazendas ou alguma precaríssima atividade autônoma como alfaiate, boiadeiro, tijoleiro. Serviços domésticos em fornos, cozinhas e casas de costura igualmente absorviam a mão-de-obra de alguns moradores, geralmente mulheres. Tudo parcimonioso, com visível dificuldade e rusticidade.

Por isso mesmo, a circulação do dinheiro em espécie era escassa. Entre os privilegiados, um ou outro fazendeiro “coronel”, bem aquinhado, fazia depósitos no Banco Almeida Magalhães, em São João del-Rei, o único estabelecimento de crédito no entorno até início e mesmo meados do século XX. Os outros, comerciantes ou autoridades, guardavam suas reservas em casa ou as emprestavam a juros.

Era assim com Padre José, sanando emergências e embaraços financeiros de muitos paroquianos. Alguns, porém, desapareciam, dando um

¹⁰ Fonte: Sr. Rubens Mata

“ás-de-vila” – ou melhor, sumiço – e provocando calotes. Sem se fazer de rogado, o vigário passou a cobrar genericamente os inadimplentes e “esquecidos” no horário das missas. Às vezes de forma sistemática e até agressiva dizendo do alto do púlpito:

– Ah, não sabem o que os espera estes fintadores de meia tigela. Serão levados ao inferno e ali espetados com garfos bem quentes, temperados em caldeirões de azeite fervente e aquecidos por fogo implacável.

O discurso muitas vezes produzia bons resultados. Afinal, do que era tido como perdido, conseguia-se recuperar alguma coisa.

RECLAMAÇÕES

Não obstante seu sacerdócio modelar, seu sacrificial missionato e seu exaustivo pastoreio, ao trabalho do Padre José Duque não faltavam insatisfeitos, resistentes, sediciosos. Daí eventuais reclamações às autoridades superiores, em especial ao bispo da diocese.

Eis que o religioso, por força de apoquentações de algum fiel mofina, foi convocado por Dom Silvério para esclarecimentos em Mariana. Cientificado do assunto, algo mesquinho, próprio da firula interiorana, Padre José compareceu à Sé Episcopal, ajaezado de guarda-pó de viagem, bota, espora, chapéu e chicote à mão, como se preparado para... uma luta!

Com voz grave, porte energético, adentrou determinado o palácio. Dom Silvério, ao vê-lo resoluto e tão excentricamente vestido, optou por nada abordar da pauta do encontro. Ao contrário, fez calorosa recepção ao vigário. Ao invés de duelo, paz!

GRIPE ESPANHOLA

“Foi no ano de 1918. Uma terrível epidemia, saída lá dos confins do Velho Continente, abudara as benditas plagas da América do Sul e, com suas asas de abutre voou por todo nosso caro Brasil. O fez de Norte a Sul, de Leste a Oeste, até que enfim viesse armar a sua tenda no arraial de São Tiago. E aí, abrindo tão desmesurada boca, tragou quatro a cinco pessoas por dia, numa fúria que imprimia terror e desalento. Toda a população fora

acometida e mais de 50 pessoas serviram de pasto à terrível enfermidade”¹¹.

Durante a ocorrência dessa gripe (Febre Espanhola, segundo alguns), Padre José Duque foi um incansável guardião e zelosíssimo pastor. Consolava os enfermos e suas famílias, ministrando os sacramentos aos que tombavam vitimados por vírus tão letal. Servia de enfermeiro e médico, orando e compartilhando do sofrimento de tão dolorosa catástrofe coletiva.

PECADO

Jovem e farrista, era um dos cidadãos mais conhecidos da cidade. Principalmente por suas peraltices e traquinagens. Se havia alguma arte ocorrida na cidade, fosse um carro deixado na rua e que amanhecera com os pneus arriados; um cavaleiro nu, a toda brida, pela madrugada; ou uma bagunça rua abaixo, fora de hora... já se sabia quem era o autor.

Como agravante, era um dos maiores “fregueses” e “clientes” dos quintais e galinheiros da cidade. Com uma curiosa exceção: jamais pisara em território do Padre José Duque, pois sempre tivera o máximo respeito pela venerável figura e pelo trabalho do vigário. Crédulo, acreditava não ser bom presságio mexer com teres e haveres de religiosos. As aves do pastor, assim, podiam dormir tranquilas em seus poleiros.

Certo dia, porém, foi se confessar. Preparou-se ali, ao pé do confessorário, para uma saraivada de repreensões quanto às “roubadelas” nas hortas dos outros. Isso porque Padre José era obcecado e indignado com os “amigos do alheio”, os alpinistas noturnos que escalavam os muros e furtavam as penosas. Matreiro, tão logo Padre José pede-lhe para relatar seus pecados, faz uma audaciosa e inopinada pergunta ao confessor:

– Padre José, mal lhe pergunte... É pecado roubar galinhas?

E ele, prontamente, respondeu:

– Não sendo no meu quintal...

¹¹ Conforme manuscritos pessoais do Sr. Carlos Batista da Silva.

CAVEIRA DE BURRO ENTERRADA ¹²

Algo que inquietava e mortificava Padre José era a mentalidade retrógrada, corrosiva, antiprogressista, extremamente conservadora das lideranças locais e, extensivamente, da população. Difícil – quase impossível, na verdade – era incutir ideias renovadoras e desenvolvimentistas em meio ao marasmo geral.

Se alguém puxava para frente, dois faziam força para trás. Daí o vigário dizer, jocosamente, que tinha uma “caveira de burro” enterrada na Praça da Matriz. Essa frase perdurou por muitos anos entre nós, como justificativa ou alegoria para a estagnação socioeconômica do município.

Tem proximidade, aliás, com célebre mote empregado pelo Major Joaquim Coelho (Quincas Coelho) que, indignado com o coronelismo político local, exclamava: “São Tiago é a única terra que contrariou, inverteu a Lei da Gravidade. Tanto assim que a enxurrada aqui subiu a rua e se estabeleceu no alto do morro”. A metáfora fazia referência à topografia da cidade, localizada em um platô a mais de mil metros de altitude.

O tal major, aliás, era latifundiário de espírito cristão e humanista, com terras nos municípios de São Tiago, Oliveira e Morro do Ferro. Além disso, residia na Fazenda do Sobrado, no Tatu, e tinha vários escravos. À época da Lei Áurea, 12 deles, mesmo alforriados e livres, preferiram permanecer na fazenda, onde sempre foram relativamente bem tratados.

FILHO DO MEU PAI

Padre José, batendo na barriga para denotar fome, disse:

– Vou para casa cuidar do meu filho!

Ante um paroquiano atônito, o religioso explicou:

– Vou cuidar do filho do meu pai, que sou eu!

¹² História narrada pelo saudoso Sr. Pedro da Silva Santos (“Pedro Coelho”).

MAIS UMA VARIANTE DA FOME DO PE. JOSÉ

Encerrados os ofícios religiosos do dia, Padre José comentou com um paroquiano, já à saída da Igreja Matriz:

– Deixa-me ir em casa guardar meu chapéu e tomar conta do meu neto!

O paroquiano, deveras intrigado, perguntou-lhe:

– Que neto, Seu Padre?

E o vigário:

– Ora essa... O neto único do meu avô!

CHEGADA DO ESPÍRITO SANTO

Viajando certa vez a Belo Horizonte, passando por São João del-Rei, Padre José impressionou-se com a grande aglomeração de pessoas, corporações militares perfiladas e bandas de música ao chegar à Estação Ferroviária.

Com seu espírito brincalhão, dirigiu-se a um cavalheiro próximo, garbosamente vestido, e perguntou-lhe:

– Toda essa recepção é para mim?

O distinto senhor respondeu-lhe cortesmente:

– Não, reverendo. A população são-joanense está aqui para receber o Excelentíssimo Senhor General Ciro do Espírito Santo Cardoso, Ministro da Guerra. É nosso ilustre conterrâneo e chegará daqui a pouco.

Padre José agradeceu as informações prestadas pelo gentil interlocutor não deixando, porém, de soltar seu proverbial chiste:

– Uai, quanta novidade! Não sabia que o Espírito Santo viajava de trem!

Ao chegar a Belo Horizonte, ao se encontrar com o arcebispo, Dom Antônio dos Santos Cabral, este perguntou-lhe se em São Tiago estava tudo em paz.

Padre José não deixou por menos:

– Em São Tiago, Excelência Reverendíssima, tudo na mais santa paz. Mas, no caminho, algo surpreendente, deveras inusitado: quem encontrei foi o Espírito Santo, na condição de Ministro da Guerra, viajando de trem!

COMER COUVE, ARROTAR LOMBO ¹³

Deslocando-se certa vez a Resende Costa, Padre José encontra em seu caminho um conhecido paroquiano, cidadão cheio de ostentação, gabolice pura, que lhe disse:

– Hoje estou passando mal, pois comi muito lombo de porco!

O religioso, com sua fina ironia de sempre, redarguiu:

– Interessante... Você come couve refogada com feijão e sente gosto de lombo. Na verdade, não está acostumado a passar bem e, quando passa, sente-se mal!

ROSÁRIO SUMIDO

Conta-se que, tendo desaparecido um rosário das mãos da imagem de Nossa Senhora, na Matriz, Padre José teria rogado sua praga:

– Quem fez isso há de morrer seco.

Meses depois, ao fazerem reparos no teto da igreja, operários encontraram, em meio às picumãs do forro, uma andorinha ressequida, tendo entre os pezinhos o Rosário da Virgem.

¹³ A memória popular registra e atribui a expressão “come couve e arrota lombo” a pessoa de comportamento enfatuado, de postura e atitude exibicionista, farolista, ostentadora de falsos valores e desprovida, portanto, de predicados – mas que se ostenta enganosamente. Há, ainda, a variante invertida: “come lombo, arrota couve”, numa alusão a pessoa que, embora culta ou rica, leva existência extremamente discreta, de hábitos simples.

GALHO SECO

Padre José Duque, caminhando por seu quintal, passou perto de uma laranjeira onde seu rosário se agarrou. Quando chegou à Matriz, deu falta do objeto e jogou uma praga:

– Quem tiver tirado o meu rosário haverá de secar!

No dia seguinte – conta-se – o galho de laranjeira estava seco.

Em outra versão, diz-se que Padre José perdeu seu breviário e bradou:

– Quem estiver com ele vai ficar com o braço seco!

Depois de muitos dias, andando pelo quintal, viu o galho seco da laranjeira. Indo até ele, encontrou o que procurava.

VOCAÇÕES

Segundo a tradição oral, lá pela década de 1920 Padre José Duque não foi bem recebido em sua terra natal, Ritápolis – ou se desentendeu com alguém da localidade. Com isso, disse veemente que durante 100 anos, contados a partir do seu nascimento (1868), não nasceria qualquer cidadão com vocação cristã, sobretudo na sua família.

O fato realmente aconteceu: o primeiro padre a nascer nas terras de Santa Rita, após o centenário da fala do vigário, foi em 1968: um de seus parentes, hoje Padre Nélio Antônio dos Santos.

Ainda assim, segundo escritos da historiadora Sílvia Maria Siqueira, houve mais de dez religiosos na família Siqueira, trabalhando na região de São João del-Rei e Mariana.

O GUARDA-CHUVA

O guarda-chuva de Padre José certa feita desapareceu à porta da sacristia. Buscas em vão foram realizadas nas proximidades e dentro da igreja. Possíveis

testemunhas foram interrogadas inutilmente. Conclusão geral de que fora roubado. Naquele mesmo dia, à missa vespertina, o vigário fez uma severa admoestação e dura reprimenda sobre o ato de roubar, citando para tanto, passagens bíblicas e os sermões do Padre Vieira a respeito de tal pecado.

Ao final, referiu-se ao sumiço de seu guarda-chuva e exigiu que todas as pessoas que tivessem em casa objetos alheios os devolvessem. Inclusive e em especial quem levava por engano (ou não) o seu.

Para surpresa de Padre José e de toda a comunidade, no dia seguinte achavam-se dezenas de guarda-chuvas à porta da igreja.

UMA HISTÓRIA, DUAS VERSÕES

Viajando certa vez a Sete Lagoas, Padre José entrou em movimentado restaurante a fim de almoçar. Lá estavam alguns indivíduos mal-educados e debochados que, durante todo o almoço, gracejaram contando anedotas e piadas ridículas sobre vigários.

Padre José suportou todos aqueles ditos e pilhérias de mau gosto. Só não se conteve quando um dos estranhos lhe dirigiu a pergunta:

– O senhor sabe qual a diferença entre um padre e um burro?

Nosso virtuoso sacerdote respondeu sem pestanejar:

– Sei, sim, meu filho. A distância de uma mesa.

Isso foi o suficiente para desarmar toda aquela súcia que, rapidamente, terminou o almoço e saiu caladinha do recinto.

Outros contam esse fato da seguinte forma:

Terminado o almoço, um dos indivíduos já refastelados quis espicaçar o sangue do Padre José Duque. Teria então exclamado a plenos pulmões, dando patinhas barulhentas na altura do estômago:

– Almocei como um padre!

Ao que o pároco levantou-se indignado, dedo em riste, com rosto afogueado, gritando:

– Pois fique sabendo, seu animal, que pela primeira vez na vida comeste como gente!

FIM DA VIDA

Ao final da vida, já com amnésia avançada, Padre José costumava dizer que estava namorando algumas de suas paroquianas. Dentre elas mulheres idosas, senhoras devotas que precisavam fugir espavoridas ao ouvirem os passos trôpegos do vigário se aproximando.

PARA O INFERNO, NÃO!

Algumas vezes, no púlpito, Padre José chegava a ficar apoplético, com a boca espumando, ao xingar os pecados dos fiéis. Logo após, no entanto, recompunha-se e admoestava mansamente:

– Falo dessa maneira, meus filhos, para o bem de vocês. Para não irem para o inferno!

NO PÚLPITO

Quando no púlpito, em suas homilias, ao admoestar e invectivar os pecados dos fiéis, Padre José chegava a ficar apoplético, tenso, com boca espumante. Por vezes, atingia o ápice da extrema energia e arrebatamento, chegando a assustar os presentes ao pintar quadros dantescos dos sofrimentos infernais.

Aliás, o escritor e memorialista Antônio de Lara Resende reproduz uma dessas inusitadas cenas em “Memórias I – do Belo Vale ao Caraça”. Conta ele que, ao final de sua dramatizada pregação, Padre José se recompunha e mansamente alvitava aos fiéis assustadiços:

– Falo-vos dessa maneira, meus filhos, para o próprio bem de todos

vocês. É para não irem pro inferno, onde a dor é inominável e são indescrivíveis os sofrimentos...

Então, reunia agilmente os dedos da mão, no gesto característico de ajuntamento e aglomeração. A seguir, com o indicador voltado para baixo, asseverava ante os paroquianos ali presentes, boquiabertos e estarrecidos:

– O inferno, meus irmãos, está forrado de cabeças de padres, de pastores e de falsos cristãos!

NA RUA

Na rua, Padre José Duque era amigo de todos – especialmente das crianças, com as quais sempre brincava distribuindo sorrisos, abraços e agradáveis “pinicões” nas bochechas gordinhas.

Com sua invariável batina surrada e um eterno guarda-chuva dependurado no braço, ia direto de sua casa à igreja e vice-versa. Às vezes, porém, estendia seu caminho até a farmácia. Tudo para “um dedo de prosa” com o farmacêutico, o Dr. Henrique Pereira, e seus fregueses.

FUTEBOL

A criançada tinha por hábito jogar futebol, as famosas “peladas”, na ampla e então desnuda Praça da Matriz. As bolas eram improvisadas, feitas de meias velhas e retalhos; e a meninada corria atrás delas descalça, descontraída, feliz na sua inocência interiorana.

Numa dessas partidas, Padre José Duque aproximou-se festivo, irmandando-se às brincadeiras e folguedos dos pequeninos, de quem sempre fora amigo. Brincalhão e jocosos, como de sempre, perguntou aos jogadores:

– Que time está ganhando? O “Quebra-Canela” ou o “Quebra-Dedo”?

Dali seguiu caminho, sorrindo, monologando, orando e abençoando aquelas crianças – de quem tanto gostava.

BOTICA, LUGAR DE CONTAR OS CAUSOS ¹⁴

Padre José diária e invariavelmente, após uma caminhada pela Praça da Matriz ou visita pastoral a algum paroquiano em dificuldades, passava pela Farmácia. Era aqui que contava seus “causos”, tendo sempre como apurados ouvintes o Dr. Henrique Pereira; seu sócio João Reis; e demais fregueses do tradicional estabelecimento.

A roda estava sempre repleta, ademais, de curiosos e vizinhos que ali compareciam para se deleitar com as facécias e os chistes do bonançoso e virtuoso pároco. Ria-se muito, à larga.

No entanto, ao adentrar as vetustas portas da botica naquela chuvosa manhã, Padre José externava uma fisionomia tensa, inquieta. E isso sensibilizou todos os presentes.

Antes de ser interrompido, o sacerdote informou a todos que, na noite passada, não dormira bem: tivera um sonho terrificante, apavorador. Na verdade, sonhara que, em companhia de um anjo guardião, visitara o inferno. Lá, estarreceu-se com os atrozes sofrimentos e as cenas dantescas sequer intuídas pela mente humana. Segundo o padre, no território do anticristo sofria-se terrível e sofregamente e, à medida que se perambulava por aquelas masmorras demoníacas, vislumbravam-se pessoas que, no mundo, foram reis, milionários, políticos.

Os relatos do vigário, longos e detalhados, deixavam pasmos os circunstantes. Eis que alguém indagou:

– O senhor, nessa dolorosa caminhada, encontrou lá algum padre?!

Ao que o nosso integro sacerdote, com longo e doloroso suspiro, esclareceu:

– Sim! Lamentavelmente, vários. Até religiosas pude distinguir dentre aquelas turbas em atroz sofrimento.

PIADA SEM GRAÇA

Padre José Duque gostava muito de ir até à farmácia para um dedinho

¹⁴ A oralidade local registra que, em um de costumeiros sermões dominicais, Padre José teria dito que “o inferno está forrado de cabeças de padres e pastores”. A expressão ficou célebre e de todos conhecida.

de prosa com o Sr. Henrique Pereira e o Sr. João Reis.

Certo dia, contou uma piada e aqueles que lá estavam presentes não riram. Ele, então, completou:

– É... Quando me contaram eu também não achei graça, não...

SEGURANDO O RISO

Padre José tinha o hábito de diária e invariavelmente, após officiar a missa matinal e atender os compromissos ministeriais na Igreja Matriz, passar pela farmácia – onde batia um dedo de prosa com os amigos Henrique Pereira e João Reis. Aliás, não havia um único dia em que Padre José não deliciasse a todos os presentes com seus espirituosos e hilariantes “causos”. Gargalhadas afloravam sempre soltas, largas, longas...

Eis que, certa vez, proprietários e clientes do estabelecimento combinaram, entre si, não acharem graça nas anedotas do vigário, de forma a testarem o jocoso sacerdote. A ordem era simples: por mais engraçado o caso narrado, todos se manteriam sisudos, sérios.

E assim ocorreu. Após adentrar o local e saudar os presentes, o religioso contou o seu costumeiro caso. Contudo, observou admirado que todas as fisionomias permaneceram compenetradas, indiferentes, sem nenhuma pré-disposição ou menor sinal de riso. Ambiente tumular. Mutismo total.

Virando-se então para os circunstantes, Padre José comentou:

– Curioso... Essa história é mesmo boba. Quando me contaram, também não ri. Vi graça nenhuma!

Ouviu-se, então, uma geral e estrondosa gargalhada.

PAPO DE FARMÁCIA

Todos os domingos, após a missa, Padre José Duque visitava seus

amigos farmacêuticos, Henrique Pereira Santiago e João Batista dos Reis. Na realidade, a farmácia era ponto de encontro usual e frequente de vários são-tiaguenses para ali atraídos, que faziam rodas de bate-papo ou “trança roda”, como alguns diziam.

Eis então que Padre José, certa vez ali adentrando, perguntou de chofre:

– Vocês estão aí falando da vida dos outros?

A resposta de um dos presentes foi pronta:

– Não, senhor Padre! Estamos conversando sobre o progresso de São Tiago, as reformas das casas... Inclusive a Igreja Matriz está precisando de um bom reparo, não é?

Daí o vigário aquiesceu:

– Vou fazer parte então dessa roda benéfica, que trata de assuntos tão importantes para a comunidade.

E juntou-se ao grupo, de modo que todos ficaram lisonjeados com o parecer do probo e valoroso pároco, prosseguindo no envolvente tema. Porém, ao final de uns 20 minutos, Padre José ergueu-se da cadeira dizendo, entre esfuziantes risadas aos circunstantes:

– Os senhores terminem de resolver o atual assunto. A prosa está excelente, mas... vou levar o meu chapéu lá em casa.

ENCOMENDAÇÃO DE ALMA

Durante a realização de uma barulhenta Encomendação de Alma nas proximidades de casa, Padre José Duque acordou com o canto lúgubre dos fiéis tresnoitados. Levantou-se apressadamente e correu para censurar os paroquianos por tão inusitada atitude. Para seu assombro, por mais que forçasse a chave, a lingueta ricocheteava na fechadura, não permitindo que a porta abrisse.

Marchou incontinenti à janela e, mais uma vez, taramelas e trincos não cederam – como se mãos invisíveis tivessem pregado tudo ferreamente.

Para aumentar o sufoco do pároco, não havia velas ou lampiões que permanecessem acesos.

Enfim, percebendo as influências sobrenaturais em tudo aquilo que lhe estava acontecendo, Padre José voltou para o leito, ao som das cantilenas dos mortos, exclamando:

– As almas também gostam de bagunça!

E completou, com uma pontinha de vaidade:

– Mas têm medo de mim!

ORANDO ÀS ALMAS

Na década de 1940, um grupo de pessoas caminhava já tarde nas ruas escuras do distrito de São Tiago, fazendo a “Encomendação de Almas”. Numa noite, Padre José Duque acordou com o movimento e notou que os rezadores estavam um pouco exaltados, que as orações não fluíam como era devido. Não demorou para se levantar da cama, no sentindo de repreendê-los.

À porta, porém, notou que a chave principal rodou várias vezes na fechadura, não permitindo que o sacerdote a abrisse. Tentou aí abrir as janelas, sem sucesso. Por fim, resignado, esperou terminar a ladainha de orações, os cantos e a batida da matraca para voltar a dormir.

Na cama, refletiu que algo não estava bem na Encomendação de Almas e era preciso falar ao dirigente. Ao mesmo tempo, sentia-se pensativo e preocupado: “Como farei para abrir a porta amanhã e sair para celebrar a missa?”, questionou antes de cair no sono.

De manhãzinha, Padre José Duque se levantou, pegou o breviário e o terço. Ao tentar abrir a porta, a mesma abriu-se normalmente, para seu espanto. Então, até a chegada à Matriz, ficou pensando no que havia acontecido na noite anterior com aquela fechadura.

Intrigado, passou pela Botica e comentou o fato com os presentes. Ao fim, concluiu que mesmo daquele jeito as orações na Encomendação de Almas estavam valendo. Para os vivos e para os mortos.

CAFÉ MEDROSO X CAFÉ VALENTE ¹⁵

O Sr. Otávio Leal Pacheco aqui chegou como recenseador e foi apresentado às principais autoridades. Dentre elas o vigário, Padre José Duque. Este, após conversas amistosas, lhe ofereceu café e questionou:

– Prefere Café Valente ou Medroso?

O Sr. Pacheco, sem saber do que se tratava, pensou um pouco, deduziu e respondeu:

– Eu prefiro Café Valente, Seu Padre!

Daí entraram na sala e, sobre a mesa, havia gostoso café acompanhado de deliciosas quitandas. O visitante olhou, admirou, encheu a boca de água e foi logo pegando um grande pão de queijo. O Padre José olhou para ele e disse:

– Alto lá! O senhor não disse que preferia Café Valente?

_ Sim, Seu Padre...

– Café Valente é café puro. O Medroso é acompanhado de quitandas!

O CAFÉ “PELANDO” ¹⁶

Certo paroquiano, fazendeiro das redondezas e amigo pessoal de Padre José, vinha a São Tiago quase todos os domingos a fim de assistir à missa das 10h e resolver negócios no então arraial. Encerrados os ofícios religiosos, acompanhava o vigário à sua residência, na esquina da então Rua Dom Viçoso com a Avenida Coronel Benjamim Guimarães.

Ali, além de muita prosa, havia um lauto café sob responsabilidade de D. Herondina, governanta e irmã do pároco. A bebida era servida em bules, preparada na hora ou posta em Banho-Maria no fogão, já que não havia garrafas térmicas naqueles tempos.

Por praxe, nosso vigário informava-se junto ao fazendeiro – pessoa

¹⁵ Conforme narrado pelo Sr. Pacheco ao “Jornal Ponta de Lança”.

¹⁶ Relatado por Marta de Oliveira Reis.

tida como de temperamento inflexível e se m jogo de cintura – se (o café) estava bom.

– Está frio para o meu gosto! – retorquia o visitante, sobranceiro.

Na realidade, por mais que D. Herondina se esmerasse na cocção e no serviço do café, o fazendeiro sempre enchia a xícara, sorvia tudo de uma só talagada e dava a monótona resposta:

– Hum... Está frio!

Padre José, então, decidiu pregar uma peça no amigo secarrão e impertinente. Assim, determinou à irmã que preparasse tudo somente após a chegada do visitante. Além disso, era preciso manter a cafeteira no fogão à lenha, com o máximo de calor e incandescência possível. Daí, ao sinal do religioso, o café seria servido “pelando”.

Não deu outra: tão logo o visitante despejou-o de um só trago à boca, queimou-se todo.

Então, passou sôfrego a sorver ar e umidade, com língua e garganta crestados num esgar e trejeito típicos. Os olhos esgazeados levaram Padre José, com ironia e certo temor, a interrogá-lo:

– Está sentindo alguma coisa?!

O conviva, sem dar o braço a torcer enquanto recobrava o ar e o fôlego, exclamou impassível e intempestivo, apontando o dedo para o teto:

– Estou apenas contando as teias de aranha no forro da casa...

VIAGEM

Padre José Duque contava que, quando viajou à Palestina, passou por Roma. Para que chegasse ao Oriente Médio, o passaporte deveria ser visado, conforme a Lei Alfandegária mandava. Foi então à repartição competente, um ambiente tumultuado. Ao preencher a ficha de pedido, porém, assinou seu nome da seguinte maneira: Padre José, Duque de Siqueira. A Família Siqueira é antiga e de tradição nobiliárquica na Península Ibérica.

O funcionário encarregado daquele serviço, observando aquela assi-

natura, pensou que se tratasse de um nobre, além de ser padre.

Esse estratagema valeu-lhe um atendimento imediato e preferencial.

SABOR DO FRANGO

Um senhor, encontrando o Padre José Duque na rua, disse-lhe:

– Até hoje sinto saudade e o sabor daquele frango que comi na casa do senhor!

E o religioso comentou:

– Deus conserve sempre esse gostinho! Porque, assim, você não volta lá em casa pra comê outra vez!

APROVEITADOR ¹⁷

A igreja estava repleta de gente. Então, quando o Padre José se aproximava, as pessoas davam-lhe caminho. Reparando isso, Nhozinho d’Aguada decidiu atravessar o corredor, seguindo o vigário que se dirigia rumo ao Altar Central. O fez, aliás, de perto – os passos praticamente colados. No entanto, acabou tropeçando e atingindo Padre José Duque, que lhe perguntou:

– Você não tem olho na cara, seu burro?

O VÍCIO DO JOGO ¹⁸

José Elias era um velho senhor que morava em São Tiago e gostava muito do Jogo do Bicho. Na hora de sua morte, mandou chamar o Padre

¹⁷ Relato do Sr. Gabriel de Sousa (Dezinho).

¹⁸ Também ouvida em conversa com o Sr. Gabriel de Sousa (Dezinho).

José Duque. Este, ao chegar, acendeu uma vela, a colocou nas mãos do moribundo e pediu-lhe que repetisse: “Jesus, Maria e José”.

Ao que o enfermo repetia: “Águia, avestruz e jacaré”.

DONA MARIQUINHA

Dona Mariquinha, do Sr. João Pereira, ia à missa todos os dias. Quando ficou grávida, porém, parou. Certa vez, Padre José Duque passou em frente à casa da mulher e, encontrando-a na janela, e puxou assunto:

– Uai, Dona Mariquinha... A senhora não está indo às missas...

Ela respondeu:

– Ah, Sô Padre, quando a gente tá assim fica muito pesada, né?

O pároco, de pronto:

– Não sei. Nunca fiquei assim...

SÃO TIAGO DE CHAPÉU

Um viajante, chegando a São Tiago, foi até a Igreja Matriz. Reparando em tudo, notou que São Tiago usava chapéu! Foi ao encontro do Padre José Duque e perguntou:

– Por que o santo usa chapéu?

Padre José Duque retrucou:

– Quem resolve as coisas na sua casa?

Disse o viajante:

– Sou eu!

Então o padre:

– O santo usa chapéu porque é o dono da igreja, uai!

Outra versão¹⁹ conta que certo cometa (caixeiro-viajante) passou pela pequena Vila pela primeira vez. Ao adentrar a Igreja Matriz, surpreendeu-se ante a imagem altaneira do Padroeiro São Tiago, com sua longa indumentária e portentoso chapéu. À época, era tido então como grosseria e má educação o uso do acessório dentro de casa – imagine, então, o que significava ostentá-lo na igreja!

Ainda pasmo e não refeito do inusitado, exclamou o rapaz:

– Nunca vi santo de chapéu. Ainda mais no altar!

Padre José, que estava por perto ouvindo as admoestações do viajante, retrucou rápido e mordaz:

– Ele tem direito de usar o que quiser. É o dono da casa!

O HOMEM MAIS PODEROSO

Padre José dizia, dentre tantas caçoadas e chistes:

– O homem mais poderoso... O profissional mais perigoso com quem convivemos – e de quem devemos ter medo – é o barbeiro. Com o freguês sentado e imobilizado na cadeira, com aquela navalha afiada e atritando nosso pescoço... Ah! Que perigo!

NA PIA BATISMAL

Padre José tinha por hábito pedir que pais evitassem dar nomes esdrúxulos aos filhos, evitando constrange-los no futuro. Além disso, por devoção cristã, recomendava aos paroquianos que batizassem as crianças com nomes de santos. Em especial aqueles dos santos do dia, que vinham reproduzidos nos calendários e nas folhinhas eclesiais editadas pela Arquidiocese de Mariana.

¹⁹ Narrativa do Sr. Wagner Resende, o “Maninho da Florescena”.

Eis que certa vez, ao proceder o batizado de um pequeno, filho de um lavrador da região, Padre José faz a tradicional pergunta:

– Como vai se chamar o menino?

O pai, orgulhoso, respondeu num átimo:

– ‘Carnavá’, Seu Padre...

Ante o espanto do sacerdote, o pai completou:

– Olhei na folhinha, como o senhor sempre manda!

O PRIMEIRO FREGUÊS DO DIA ²⁰

João Mateus era proprietário de uma venda, um pequeno e sortido armazém de secos e molhados na descida para o Bairro Cerrado. Pessoa boníssima, afável, caridosa, de bom papo. Por isso mesmo, gozava de grande estima e um infundável círculo de amizades, além de considerável clientela que frequentava a mercearia e comprava geralmente na caderneta.

Tinha, porém, uma estranha mania, fruto talvez de imperscrutável superstição: não vendia fiado ao primeiro freguês do dia. Fosse quem fosse o cliente inaugural da data que comparecia ao seu balcão, teria que comprar-lhe obrigatoriamente a dinheiro. Na bufunfa. Em dinheiro vivo. Anotação na caderneta, no dependura, nesse caso, nem pensar...

Eis que em bela manhã de inverno, véspera das tradicionais e solenes festas do glorioso padroeiro São Tiago Maior, ali adentra um serviçal da Casa Paroquial. As portas da movimentada mercearia haviam sido recém-abertas, aliás, e o homem portava uma lista de compras. Acompanhava, ainda, um singelo bilhete de Padre José Duque, informando que os produtos destinavam-se a suprir a despensa da Casa Paroquial e que seriam quitados posteriormente.

Opa! Era o primeiro freguês do dia com venda... a prazo! E logo para o Padre José Duque! O que fazer?! Como recusar algo para a Casa Paroquial, freguesa contumaz, ainda mais às vésperas das mais importantes festividades religiosas da comunidade, hospedando vários sacerdotes? Como deixar de atender Padre José, venerável pastor, tão ilustre freguês e

²⁰ Causo contado pelo Sr. José Alencar, o “Zé do Juca Sabino”.

amigo pessoal?

Não podia, entretanto, desafiar a superstição. Por isso mesmo João Mateus teve, em meio à inquietude e busca de uma “saída” honrosa para a questão, uma salvadora ideia, um “estalo de Vieira”: esclareceu ao portador que aguardasse um pouco, que ainda não estava atendendo. Daí organizou mercadorias espalhadas, deu uma espanada no balcão e uma olhadela na janela semiaberta... Foi tempo suficiente para que outro freguês aparecesse e, invertendo a ordem de atendimento, comprasse qualquer miudeza A DINHEIRO.

Em seguida, bonachão e com o largo sorriso de sempre, João Mateus atendeu o pedido de sortimentos de Padre José.

PADRE JOSÉ E OS PAIS DOS JOVENS

O saudoso pároco costumava alertar os pais quanto à imperiosidade da vigilância e do acompanhamento da vida dos filhos, inclusive fora do âmbito doméstico. Assim, narrava a seguinte alegoria:

– Se perguntarem a um proprietário rural onde está seu garrote, sua novilha ou o burro que serve à fazenda, ele de pronto responderá: “No pasto”. Se perguntarmos onde está o seu dinheiro, responderá que está depositado no banco ou emprestado a terceiros. Tudo, enfim, quanto lhe questionarmos em termos materiais, saberá onde está. No entanto, se lhe forem solicitadas informações sobre o paradeiro dos filhos moços, simplesmente dirá: “Não sei... Estão por aí”.

Então concluía pesaroso o vigário:

– Aquilo que é do mundo, efêmero por sua natureza, os pais guardam e tomam conta a sete chaves. Esquecem-se, contudo, do que é mais sagrado, do maior galardão que Deus lhes deu: os descendentes.

ENCOMENDA SÓ CHEGA SE PAGAR

Até meados do século XX, a cidade era abastecida, em grande parte, por mercadorias vindas da Capital do País, na época Rio de Janeiro.

Com isso, muitos comerciantes locais deslocavam-se periodicamente até lá, fosse de trem, fosse nos caminhões do Sr. Vicente Mendes ou por outros meios, adquirindo toda sorte de produtos para revenda em nossa terra.

Era fácil, portanto, para que são-tiaguenses fizessem encomendas aos negociantes ou mesmo a parentes e/ou terceiros que viajavam ao Rio. Como frequentemente se esqueciam de dar o dinheiro dos pedidos ou não tinham recursos no momento, acabavam frustrados ao ver que o portador retornava de mãos vazias. Daí o Padre José, com ironia, dizer frequentemente: “Minha gente! Encomenda sem dinheiro fica no Rio de Janeiro!”.

QUIZUMBA DO PADRE COM O POVO

Padre José Duque exerceu seu ministério sacerdotal na vizinha Laje (atual Resende Costa) nos anos de 1892 a 1899. Não se sabe ao certo o que houve naquela comunidade, mas algo do padre não agradou o povo – ou vice-versa. Fato é que a situação misteriosa virou uma quizumba entre os moradores locais e o sacerdote.

Ao deixar as Lajes para assumir a Paróquia de São Gonçalo do Amarante, em Ibituruna, o religioso teria dito em alto e bom tom:

– Por castigo, este lugar vai dar um passo pra frente e dois pra trás.

Em seguida, partiu descontente.

A PRAGA DOS OITO

Na Freguesia da Laje (atual Resende Costa) houve desentendimento entre um fazendeiro influente e o pároco da época, Padre José Duque. O tal homem não gostava das atitudes do reverendo, sobretudo quando aproveitava para xingar e impor algum preceito.

Eis que o cidadão rico resolveu se vingar do sacerdote e tramou uma forma de tirá-lo dali. Combinou então, com oito homens, o seguinte: eles colocariam o religioso numa égua magra e o levariam para bem longe dali. Que o deixassem em São João. Mas na Laje... ah, o pastor impertinente não

ficaria mais.

A ideia era pôr tudo em prática após a missa na Matriz. A informação, porém, acabou vazando. E foi aí que Padre José Duque, já sabendo da emboscada, resolveu por si só ir embora da Freguesia. Com tudo arrumado, partiu para São João del-Rei e se hospedou junto a parentes até definir para onde seguiria. Não deixou o caso barato, todavia. Antes de viajar, rogou uma praga em todas as pessoas que haviam tramado contra ele – sobretudo o grupo dos oito homens que o forçaram a sair da Laje. “Todos haverão de ficar com uma marca!”, disse.

O tempo foi passando e elas foram aparecendo: um capanga ficou manco; outro teve problema de coluna e passou a andar com dificuldade; o terceiro fraturou os braços; o quarto ficou aleijado. Os demais sofreram acidente gravíssimo juntos e ganharam cicatrizes. Todas os acompanharam até a sepultura.

O FRANGO ²¹

Padre José, que foi vigário da Laje (atual Resende Costa) entre 1892 a 1899, continuou a dar assistência religiosa e pastoral àquela paróquia, tempos depois, em situações especiais. Por isso mesmo notou que os fazendeiros, na hora da Homilia, faziam rodinhas no adro da igreja para vários negócios, conversando em voz alta.

O religioso, claro, não gostava disso. E se agastava com a bagunça pedindo que os envolvidos permanecessem dentro do templo, rezando e coparticipando dos ofícios religiosos, como os demais. No entanto, os renitentes fazendeiros, mal-acostumados, não o obedeciam.

Percebeu, então, que precisava de ajuda. Daí certa vez, numa festa local, Padre José convidou um vigário de Morro do Ferro para ajudá-lo nas solenidades litúrgicas. Os festejos, aliás, duraram cerca de três dias com celebrações de missas, procissões, batizados e eventos similares. Tudo correria bem, recebendo os dignos sacerdotes os aplausos e as deferências da hospitaleira e cristã comunidade. Inclusive lautas refeições foram servidas a eles.

Ao fim, despediram-se dos presentes montando as alimárias com destino a São Tiago. Logo à saída da comunidade, um frango pintado de branco e preto começou a cantar efusiva e soberbamente, enquanto batia

²¹ Conforme lembranças e narrações do Senhor Ulisses Alves de Faria.

espalhafatosamente as asas, causando admiração aos sacerdotes e aos humildes moradores dos arrabaldes.

Naqueles tempos, dizia-se burlescamente entre os católicos que estômago de padre era cemitério de frangos havendo, inclusive, inúmeras outras pilhérias e paródias sobre a voracidade dos religiosos à mesa.

Observando a interessante – senão surpreendente cena – enquanto prosseguiam a jornada, Padre José comentou com o companheiro de batina ao lado:

– Esse frango está cantando de alegria por ter escapado do cemitério de nossa barriga – e por ver os seus coveiros zarpando para longe.

REPETECO

Cidadão dos lados da Restinga fizera-se presente, naquele ano, às solenidades da Semana Santa em São Tiago. Acompanhara contritamente todos os momentos: procissões, missas, Descendimento da Cruz... Por isso mesmo, impressionara-se vivamente com as passagens da Paixão e agonia de Cristo, muitas delas encenadas ao vivo, com cenário e atores da cidade – afinal, Padre José Duque, o pároco, tinha esmerado gosto.

No ano seguinte, o tal homem retorna ao arraial. Chegou extasiado, a fim de rever os figurinos. Porém, ao perceber a mesma encenação e o mesmo script, similares ao do ano anterior, desabafou:

– Se eu soubesse que era repeteco, não viria...

A PROPOSTA IMPOSSÍVEL

Duas senhoras, bastante devotas, perguntaram certa vez ao Padre José Duque:

– É pecado desconcentrar no momento da oração?

Em resposta, o vigário contou a elas esta passagem:

– Havia dois homens conversando. De repente, um deles propôs ao outro: “Amigo, se você conseguir rezar o Pai Nosso sem pensar em nada, eu lhe dou um cavalo”. O outro, enlouquecido com a oportunidade, atendeu ao desafio. Eis que, no meio da oração, perguntou ao companheiro: “O cavalo é com arreio?”.

As duas senhoras riram, mas sem compreender a resposta de Padre José.

GRAÇAS A DEUS!

Padre José Duque, contumaz contador de causos e estórias, abordava igualmente espirituosas e pitorescas narrativas ou piadas sobre colegas de ofício. Eis uma delas que, aliás, faz parte de nossa oralidade:

Certo vigário de aldeia possuía um cavalo de estima, seu fiel e incansável companheiro de viagens pelas encostas montanhosas da região. O animal, contudo, era cheio de manias e manhas.

Eis que, mesmo assim, um paroquiano interessou-se em adquiri-lo. Negócio feito e regado, aliás, a bom dinheiro. O reverendo, porém, alertou o comprador: para se locomover, o cavalo fora acostumado a curioso comando. Se quisesse que o equino se movesse na toada normal – assim explicou o religioso – bastava sussurrar-lhe às orelhas um “Graças a Deus!”. Daí o garboso bicho punha-se em marcha comedida e natural.

Para apressar o passo, por outro lado, bastava elevar a inflexão de voz, entoando mais alto: “GRAÇAS A DEUS!”. Se desejasse que o cavalo galopasse, aí o ginete tinha que gritar a plenos pulmões: “Graaaaaças a Deeeeus!”. Por fim, para parar, era preciso exclamar um sonoro “Aleluia”.

Explicações dadas, treinamento preliminar feito, o novo proprietário encilhou o cavalo, aboletou-se na sela e passou a proferir os comandos. A partida foi dada e seguiu-se galope caminho afora até que o cavaleiro, querendo uma toada maior, gritou: “GRAÇAS A DEUS!”. O animal disparou descontrolado, estrada abaixo, serpenteando pelas encostas. O cavaleiro, lívido, no ímpeto de soffrear o animal, então vociferou: “Aleluia!”.

Pobre homem... Num instante, o equino estacou. Não bastasse isso, para espanto e angústia do cavaleiro, ambos pararam à beira de um profundo precipício, uma escarpa íngreme e insondável. Um passo a mais e estariam lançados ao imenso abismo.

Suando em bagas, dando-se por salvo milimetricamente, o cidadão exclamou suspirando: “Graças a Deus!”. Ouvindo o comando de movimentar-se, o animal não titubeou. E lá se deu com seu dono no fundo daçoçoca.

Padre José? Bom... este ria-se às escâncaras ao narrar espontânea e tão jocosamente tais e tantos “causos”.

MESA DE PEROBA

Quando da ordenação de Padre José, seu pai (o senhor Braz Siqueira) não escondeu o orgulho ante tão marcante evento. Por isso mesmo, mandou reformar a sede da fazenda, além de determinar a confecção de novo e aprimorado mobiliário para casa, incluindo uma refinada mesa de madeira – peroba de primeira! – que tomou lugar de destaque na sala de recepções.

Eis que João, um parente de Padre José, um dia desafiou o então jovem sacerdote para “ferrarem uma luta”. Tratava-se de uma queda de braços, folgado ou “esporte” muito comum naqueles tempos.

O reverendo incontinenti topou e o tablado da disputa não foi outro senão a tal espaçosa mesa de peroba. Daí uma luta ferrenha se deu entre os rapazes, ambos fortes, vigorosos, verdadeiros Hércules.

Após longos e alongados minutos; ufas; estalar de músculos e braços; gritos e golpes, um ríspido estrondo se fez ouvir. A mesa se rompera, esboroando e levando os dois “rivais” ao chão, além de causar um incômodo desconforto e... prejuízo para a família.

A CONFISSÃO DO TURCO

Existia na cidade um “turco”, pessoa prestativa, afável e muito querida da população. Exceto por um “senão”: era arredio às coisas de igreja. Aliás, jamais fora visto em eventos religiosos e muito menos se confessando – talvez sequer fosse batizado em sua terra ou nascido em família cristã.

Certa vez, porém, acabou cedendo. E de tanto ser instado a ter uma vida de religiosidade – ou por outras razões de foro íntimo –, pôs-se aos pés do sa-

cerdote. Naqueles tempos, havia o hábito de, durante a confissão, serem feitas perguntas básicas de Catecismo aos fiéis. E Padre José não perdeu tempo.

– Quem foi Jesus Cristo? – inquiriu o vigário.

– Não “sabe”... – respondeu o turco.

Notando o pouco conhecimento religioso do confessando, Padre José discorreu sucintamente sobre a vida de Jesus, desde o nascimento até a morte no Calvário. Mas abordou com ênfase a missão do Salvador.

Ao final, o reverendo absolveu o turco, que bateu em retirada. Não sem antes esbarrar com alguém. Daí que, surpreso ao vê-lo ali, um são-tia-guense quis saber:

– Então, como foi a confissão?

E o “turco”, atemorizado:

– Muito complicada... Padre queria que eu fosse testemunha da morte de um tal “Senhor Jesus Cristo”...

CONSELHOS DO SÔ VIGÁRIO

Rosa ia, todos os dias, à Fonte do Chafariz. Lá, buscava água ou lava-va roupas e sempre encontrava amigas. Um dia, comentou com a comadre sobre alguns pedidos que fazia em suas orações. Necessitava de tais graças, aliás, com certa urgência. Mas sentia que as orações não surtiavam efeito.

Tonha disse então:

– Vá atrás do Padre José e converse. Ele é mais esclarecido e vai orientar melhor.

No outro dia, após o almoço, Rosa bateu à porta do vigário e pediu ajuda:

– Sô Vigário... O que me traz aqui é coisa que tem me preocupado muito... Não tenho alcançado algumas bênçãos na vida. Eu rezo, rezo e rezo; peço e nada acontece. Será por quê?

E pastor, calmamente:

– Veja bem... você é lavadeira. Quantas vezes passa o sabão na roupa para tirar a sujeira? Várias, né? Nas suas tentativas, uma hora você acaba conseguindo limpar tudo. Assim é com a oração! Insista, porque no momento certo terá uma reposta para aquilo que tem pedido. Se for para o seu bem, virá. Mas caso não for, uma outra coisa será encaminhada.

No outro dia, bem cedo, Rosa se encontrou com Tonha na fonte e comentou sobre a conversa boa que teve com Padre José.

Pelo visto, tinha aprendido mais um pouquinho sobre a fé cristã – e nunca mais reclamou!

CHORO DE ADULTO

Um importante fazendeiro local, enérgico, trabalhador e austero, vinha enfrentando problemas familiares e confidenciou a Padre José:

– Tenho chorado ante as dificuldades que ora me afligem...

O vigário, um tanto quanto surpreso, inquiriu-o:

– O que é mesmo que o coronel disse?

E o influente latifundiário confirmou seu fraseado:

– Tenho chorado...

Eis que Padre José não o deixou prosseguir a lamúria, repreendendo-o com certa rispidez e troça:

– Choro de criança é justificável, a gente resolve de acordo com cada situação: com carinho, sopinha, remédio... Mas, choro de adulto, faça-me o favor! Só corrigindo-o com uma boa reprimenda e, até mesmo, com umas palmadas e tabefes...

A MENINA GRIPADA ²²

Tão logo encerrados os ofícios religiosos na Igreja Matriz, dispersos os fiéis e recolhidos todos os paramentos aos gavetões na sacristia, Padre José ganhou a porta da rua em direção à farmácia. Era lá que fazia “ponto”, diariamente, em bate-papo com proprietários e fregueses. Naquela clara manhã junina, porém, ao passar sob a frondosa Magnólia na lateral da igreja, foi interceptado por pobre senhora da comunidade. Estava acompanhada de uma criança maltrapilha, magérrima, visivelmente gripada (talvez febril) com as mucosas inflamadas e correndo grosso volume de secreções nasinas abaixo. Dolorosa cena.

A mãe piedosa, ali tão desamparada e receosa, rogou ao vigário uma bênção para a filha, doente e frágil. Padre José aquiesceu de imediato, sobrepondo as mãos sobre a cabeça da sofrida petiz. De olhos fechados, orou longamente em latim.

Passados alguns minutos e encerrado o ritual, a mãe agradeceu humilde e comovidamente as preces e a atenção do religioso. Daí tentou bater em retirada, mas o virtuoso pastor tocou-a ternamente o braço, apontando-lhe a porta aberta da farmácia:

– A bênção em nome de Deus e do Senhor São Tiago eu já dei. Agora você passa ali e pede um remédio ao Sr. Henrique, pra completar a cura da gripe “braba” de sua menina.

O CÃO E O PÃO ²³

Pelos anos de 1952 e 1953, a família do Senhor Alcino – casado com D. Isabel, irmã do Monsenhor Francisco Elói – morava no Povoado dos Melos, distante duas léguas de São Tiago.

Por lá havia um cachorro chamado Djalma, mansinho, que vivia brincando no meio das crianças. Nessa época, porém, surgira na região um surto de raiva que se espalhou por cachorros e até vacas. O patriarca, preocupado, pediu então a um irmão que sacrificasse o bicho. Mas sentia pena porque não tinha certeza se estava doente mesmo. Esperaram um dia, dois, três... E eis que o cão fez a arte: mordeu uma menininha, Dite, filha de Alcino.

²² De acordo com tradição oral, relatada pelo Dr. Geraldo Melo.

²³ História contada pelo Senhor José Alves, irmão da Dite; e confirmado pelo tio Raul Ibraim Flor.

Imediatamente, ele selou um cavalo e foi à cidade às pressas, com a criança, procurar recursos farmacêuticos. O Sr. Henrique e Sr. João Reis, da farmácia local, disseram que a solução seria vacina, encontrada somente em Oliveira ou São João del-Rei.

No entanto, encontrando-se presente na farmácia, o Padre José Duque de Siqueira, homem de infinitas virtudes e santidade, percebeu a situação dolorosa e afetiva daquele pai. Chamou-o e disse:

– Moço, vamos à minha casa, aqui ao lado.

Lá, tomou um pedaço de pão, benzeu-o e disse:

– Volte à farmácia bem depressa. Dê à tua filha este pão. Se conseguir engolir, estará salva.

Alcino, desesperado, obedeceu. E Dite, ofendida de cachorro doido ou zangado – que acabou sacrificado –, se recuperou como se nada tivesse acontecido logo após ingerir o alimento.

Houve boatos, à época, de que ela teria pouco tempo de vida. E que sobrevivendo, não poderia ter filhos. Mera falta de fé. Casou-se, teve três herdeiros (Nego, Raquel e Maria Isabel), viveu, trabalhou, aposentou-se e veio a falecer aos 50 anos de idade.

INTERVENÇÃO SOBRENATURAL

Certa vez, uma senhora padecia de uma dor incontornável em um dos seus joelhos. Como foi paroquiana e admiradora do já finado Padre José Duque, acreditava piamente que o sacerdote tinha grandes poderes sobrenaturais realizados pela fé em nome de Deus. Resolveu, então, mandar rezar uma missa pela alma do bom pastor.

À noite, foi à igreja, colocou a intenção e rezou pelo vigário, pedindo auxílio na cura da dor que sofria. Logo depois a senhora voltou para casa, tomou café e se preparou para dormir. Durante a madrugada, acordou e sentiu como se houvesse algo costurando ao joelho. Assustada, passou a mão no local e notou leve dor. Virou-se para o canto e adormeceu. Pela manhã, já não sentia incômodo algum. Então se recordou do pedido, das orações e da ação sobrenatural na noite anterior.

QUE CAIA UM RAIO AQUI E AGORA ²⁴

Acusado e acoimado, certa vez, de estar utilizando espórtulas e bens da Paróquia em benefício próprio e de familiares, Padre José aproveitou a oportunidade impar da Missa Dominical para se resguardar e se defender dos achaques e das imputações que lhe eram movidos anônima ou mesmo abertamente por alguns grupos de fiéis.

Durante o sermão, exibiu farta e vasta documentação sobre a aplicação de recursos, apresentando ademais sua defesa oral, com justificativa e fundamentação de todas as receitas e despesas do exercício.

Finda a sua emocionante explanação, disse acerbamente aos paroquianos presentes que lotavam o templo e em tão grave circunstância:

– Se eu estiver falando a verdade, rogo o testemunho dos Céus! Que caia neste instante um raio sobre nossas cabeças!

Dia claro, sol às escâncaras, nenhum sinal de nuvem no firmamento.

Segundos depois, porém, para perplexidade e assombro dos circunstantes, súbito e seco estrondo atingiu a igreja, retumbante e reverberante, estremecendo todo o edifício desde os alicerces até a torre e deixando a todos de cabelo em pé... Alguns, mais sensíveis e impressionáveis, ficaram em situação fisiológica constrangedora!

O SUMIÇO DO DINHEIRO

Numa manhãzinha, precisamente às 6h de uma primeira sexta-feira do mês, dia dedicado ao Coração de Jesus, Padre José Duque se dirigiu à Igreja Matriz de São Tiago para celebrar o Santo Sacrifício. Toda a comunidade participou em jejum e, como hábito da época, de um lado estavam os bancos reservados aos homens (os que estavam com chapéu deveriam deixá-lo ao chão, perto de onde se sentavam); de outro, as esposas, viúvas, moças e crianças.

Pouco antes, todavia, o vigário soube que paroquianos levantaram

²⁴ Há quem diga existir, nos arquivos da Diocese de Oliveira, manifestações ou abaixo-assinados de paroquianos são-tiaguenses questionando, à época, a forma como Padre José administrava o Patrimônio Paroquial. Outros documentos altercavam até mesmo quanto à sanidade mental do reverenciado pastor que, ao que parece, tinha periódicas crises e descontroles mentais (ou emocionais).

falso testemunho sobre ele, afirmando ter guardado para si as arrecadações de uma festa. Em verdade, as doações e esmolas haviam sido subtraídas por outra pessoa. O vigário até procurou, mas nada encontrou.

Revoltado com os boatos, levantou o cálice durante a celebração e, no momento da Consagração, disse: “Se não fui eu quem pegou esse dinheiro, a Igreja irá estremecer”. No mesmo momento, o templo sacudiu e todos ficaram assustados. Desse modo, o sacerdote ficou livre das acusações.

Ainda segundo a oralidade, tempos depois o dinheiro apareceu, deixado sob a porta da Casa Paroquial.

VISÃO DO FUTURO

Há muito tempo, pessoas mais velhas da comunidade sustentam uma fala do Padre José Duque a respeito do crescimento de São Tiago. Um ponto da cidade, que o preocupava, abrangia regiões onde havia fontes e minas d'água. Ele advertia, sempre, que o povo tomasse cuidado nas edificações por ali. Pedia até que nada fosse construído nas encostas da Praça 31 de Março, atual Vereador Edilson Barbosa, com início na Rua Joaquim Marques da Silva.

De acordo com o vigário, havia risco de desabamento grande, tendo em vista que o terreno argiloso não sustentava as casas.

PASSAGEM PARA O CÉU

Padre José foi atender um paroquiano muito enfermo, já nas vascas da morte, e ministrá-lhe a Extrema-Unção. Tratava-se de um moribundo que, durante a vida, foi pessoa idônea, cumpridora fiel de seus deveres sociais e familiares. Tinha mediana cultura, mas era arredo e cético a temas religiosos e de natureza espiritual. Algo que, aos olhos dos carolas e da mentalidade de então, representava uma heresia. Talvez até passaporte certo para o inferno.

Daí que o reverendo proferiu uma breve preleção ao enfermo, orou em seu favor e, ao final, disse-lhe que deveria, naquele instante de transição para outras plagas, ter plena fé em Nosso Senhor Jesus Cristo, abrindo mão de todas as coisas ligadas ao maligno.

O doente silenciou. Olhos semicerrados. Nenhuma manifestação. O religioso continuou, então, sua peroração:

– Ao deixarmos este mundo de sombras e ilusões, este vale de lágrimas, temos antes que nos reconciliar com o Senhor Nosso Pai e renegar de uma vez por todas o mal.

Ante o total mutismo do agonizante, Padre José prosseguiu:

– Por que você, meu amigo, nesta hora tão crucial para a sua alma e seu destino eterno, demora a rejeitar o pecado?

O enfermo abre então – e com firme brilho – os olhos. Com voz trêmula e enfraquecida, mas com nobreza de ânimo e lucidez, sem quaisquer laivos de perturbação, responde:

– O senhor me garante, Padre José, com todas essas palavras e rezas, passagem direta para o céu?

Colhido de surpresa, nosso virtuoso pároco tergiversou:

– Não posso, meu filho. Isso depende do nível de sua consciência e mais ainda da Vontade Misericordiosa de Deus...

Com certa verve, redarguiu então o enfermo:

– Padre José, o problema é que, enquanto eu não souber para onde vou, não quero ficar mal com ninguém.

LATIM ²⁵

Tendo chegado inesperadamente um defunto da Zona Rural e estando ausente o Joaquim Sacristão (que fora colher feijão em propriedade de herdeiros do Senhor Modesto de Castro), Padre José chamou o primeiro transeunte que viu passar próximo à Igreja Matriz, a fim de acolitá-lo no ritual fúnebre.

A convocação intempestiva recaiu sobre o João do Paulo Mantigueiro, então jovem, que caminhava por aquelas paragens. Dando início à

²⁵ Narrativa conforme os senhores Joaquim de Paula Campos e “João do Paulo”.

Liturgia, Padre José rezou o Manual, naqueles tempos em Latim. Já João, envergando a cógula (túnica ou casula utilizada pelos coroinhas), segurou a galheta com a água benta.

O ritual ia já a meio e os familiares do morto estavam à volta do esquife, depositado sobre a nave principal do templo. Eis que Padre José, à sorrelfa, emergindo a mão direita dos grossos paramentos, belisca o João do Paulo, que até então conservava-se no profundo mutismo:

– Vamos, meu filho, abre a boca! Reza qualquer coisa aí, senão nós não podemos cobrar bem a encomendação...

Foi o suficiente para que, à medida que Padre José ia “debulhando” o breviário (um latinório incompreensível), João do Paulo completasse com estranho e esticado refrão:

– Alakadim, Alakacham... Alakachamadama...

Assim sacerdote e seu improvisado sacristão foram até o término da cerimônia, com profunda emoção para todos os familiares e fiéis presentes.

Retirado o corpo da igreja, rumo ao cemitério, o vigário teceu rasgados elogios ao seu acólito, dizendo-lhe entre um sorriso e um costumeiro beliscão na bochecha, enquanto depositava uma moeda em suas mãos:

– Ganhaste bem os teus dez tostões, meu rapaz!

E, enquanto se retirava, ia matutando e monologando em voz alta:

– De onde será que esse menino tirou o “Alakadim, Alakacham... Alakachamadama”?

PASSANDO ‘DE PASSAGEM’

Diária e invariavelmente, sob chuva ou sol, calor ou frio, Padre José Duque fazia sua tradicional caminhada ao longo e ao largo da Matriz. A praça era, à época, de terra bruta. E quando batida pelos ventos do Leste, tão comuns em nosso meio, fazia erguer espirais de pó e pedriscos.

Imperturbável na sua batina surrada, com o eterno guarda-chuva ou a bengala pendurada no braço, o religioso deslocava-se de sua residência perto

da Pavuna e ia até a Igreja, detendo-se frequentemente na farmácia, onde dava um “dedo de prosa” com o Dr. Henrique Pereira e demais fregueses. Jamais deixou de contar um “causo” com a sua verve e facécia de sempre.

Pelo caminho, Padre José cumprimentava e abençoava a todos que encontrava, quer na rua, quer nas sacadas e janelas. Gostava, ainda, de brincar e afagar carinhosamente as cabeças das crianças, pespegando-lhes “pinicões” nas bochechas. Tinha tempo e cuidado, ademais, para orientar alguns paroquianos em fortuita dificuldade espiritual ou mesmo material que o abordavam em plena rua.

Por isso, foi visto muitas vezes retirando uma moeda do bolso da sotaina e entregando-a discretamente ao tutelado, deveras necessitado – talvez uma viúva e seus órfãos, em extrema penúria, para compra de providenciais e salvadores medicamentos.

Na perambulação, os transeuntes o saudavam sempre da forma mais respeitosa e reverenciada. Alguns perguntavam-lhe:

– E o senhor, Padre José, como está passando?

Ele, sorridente e gargalhante em muitas oportunidades, respondia:

– Como vocês estão vendo, estou passando... de passagem!

Daí prosseguia seu rotineiro périplo ao redor da pracinha, sob a admiração e estima de todos.

A BESTA ²⁶

Padre José tinha uma besta ruana, companheira inseparável, com que ao lado do Zé Sacristão percorria toda a freguesia, estendendo seu pastoreio a centenas de fazendas, povoados e moradias rurais. O animal, com o tempo, tornara-se rebelde empacador, recusando-se a sair do lugar. Com isso, atrasava viagens, planos, itinerários e horários.

O religioso, com sua habitual flegma, passou então a “aproveitar” os momentos em que o bicho teimava. Para isso, solicitava ao sacristão que

²⁶ Causo escrito com base em narrações do Sr. Pedro Lara

ele lhe passasse o breviário e, forçado a tais pausas, lia, meditava. Exercitava sobre o lombo da mula, assim, a mais santa paciência.

Daí tornou-se habitual a cena: besta parada, de greve; e Padre José, com seu corpo avantajado e pesadão, lendo tranquilamente o breviário. Houve até situações cômicas na guerra muda entre o animal e o reverendo em que birra e pachorra terçaram por horas. Eis que, vergada sob o peso do cavaleiro e concluindo que sua teimosia era inútil, a besta passou a ceder. Tão logo ouvia o “dê cá o meu breviário!”, punha-se num átimo em movimento. Era melhor “evitar a fadiga”.

QUANTOS ANOS, DOUTOR? ²⁷

Incomodado por macacoas e achaques que passaram a visitá-lo amiúde, Padre José – então já idoso – realizou uma consulta com conhecido médico em São João del-Rei. O clínico, após minucioso exame e avaliação, exclamou para o bonançoso pároco:

– O senhor está com uma saúde de ferro! Vai viver ainda uns 10 anos. Tenho certeza.

O religioso olhou firmemente o médico e, com vivacidade, troçou:

– Ora doutor... Se o senhor tem o poder de me dar mais dez anos, eu quero então que multiplique!

E completou, chistoso:

– Mais uns cem anos estão bons, doutor!

HORÁRIO É HORÁRIO

Semana Santa, época de várias celebrações na comunidade paroquial. E mais uma vez Padre José Duque convidou dois sacerdotes para auxílio

²⁷ Causo gentilmente contado, oralmente, pelo Senhor Paulo Melo.

nas celebrações em São Tiago e Mercês de Água Limpa. Ao chegarem, resolveram visitar paroquianos, sendo assim advertidos pelo vigário: “Não demorem, porque respeito os horários marcados. Gosto de pontualidade e a freguesia sabe muito bem disso!”.

Saiu a dupla então pelo distrito, peregrinando pelas residências. Cafezinho com biscoitos, conversa vai, conversa vem... Os vigários se distraíram e o tempo passou. Quando deram fé, o sino da Matriz batia e todos saíram correndo com suas batinas pretas.

De longe, aliás, avistaram a procissão quase no meio da praça. Ofe-gantes e muitos preocupados quanto ao que diriam a Padre José Duque para se justificar, foram aos poucos chegando... Na virada da esquina, no entanto, o pastor lançou um olhar fulminante. Os dois tentaram se justificar, mas o vigário só balançou a cabeça e disse: “Horário é horário!”.

AUTORIZAÇÃO EPISCOPAL

Casamento marcado, data se aproximando célere, todas as providên-cias tomadas – enxoval, convites, cerimonial religioso, escrivão à espera para o Civil, comes e bebes provisionados à farta. Seria mesmo um acontecimento memorável.

Os noivos, primos em 1º grau, aguardavam ansiosos a Autorização Episcopal – “Dispensa” era o termo utilizado – que viria de Dom Antônio dos Santos Cabral²⁸, arcebispo de Belo Horizonte. São Tiago, naqueles idos tempos (princípios do Século XX) era paróquia jurisdicionada à Arquidiocese da capital mineira.

Fato é que o pedido fora remetido há meses, contando com o acom-panhamento de nosso conterrâneo José Navarro, odontólogo por profissão, residente e com tradicional clínica em BH, ali gozando de considerável influência e contatos sociais, inclusive junto ao Arcebispado.

Todavia, o sistema de Correios era precário, com estafetas que levavam e traziam correspondências locomovendo-se a cavalo ou nos lombos de bur-

²⁸ Dom Antônio dos Santos Cabral (Propriá-SE, 08/10/1884 – Belo Horizonte-MG, 15/11/1967) tomou posse como o 1º arcebispo da capital mineira em fevereiro de 1924. Antes de ser transferido para a Capital Mineira, fora bispo de Natal (RN). O termo ou expressão a que se refere o texto é a “Dispensa de Impedimento de Consanguinidade”.

ros até as Estações Ferroviárias de Congo Fino, Bom Sucesso e Ibitutinga²⁹.

Tais serviços, aliás, ocorriam uma vez por semana, estendendo-se a uma quinzena ou mais – mormente à época das chuvas, quando os rios transbordavam e os caminhos se tornavam imensos atoleiros.

Pois bem: na ansiedade pelo casamento entre os primos, estafetas e mesmo cidadãos comuns que iam ou vinham daquelas estações eram inquietos. “Não chegou a correspondência do Sr. Arcebispo?”, queriam saber.

Nada. Nenhum sinal do documento. Como agravante Padre José Duque, o celebrante, fora bem claro: sem a “dispensa”, não haveria casamento!

José Augusto, irmão da noiva, chega praticamente às vésperas do enlace. Retornava de uma de suas inúmeras viagens de negócios como marchante de gado por muitos rincões nessas muitas Minas Gerais. Eis que encontra, no entanto, um clima sepulcral.

Com casório todo preparado e silêncio episcopal, a irmã estava em lágrimas e o restante da família tenso.

José Augusto analisou a situação. Era necessário tomar alguma providência... e rápida! “Para ontem”, na aceção popular. Preparou então a besta e silenciosamente, sem maiores comentários, dirigiu-se à Estação de Congo Fino. Dez léguas – o que pra ele, homem acostumado a longas viagens e intempéries pelos sertões, chapadões e outras fronteiras mais, na condução de tropas e boiadas com destino ao Rio de Janeiro, era tarefa fácil, “café pequeno”.

Chegando ao destino, dirigiu-se inicialmente ao guichê de Correios. Queria saber se havia alguma correspondência, oriunda de Belo Horizonte, dirigida ao Padre José Duque ou aos noivos. Atendeu-o um senhor de meia idade, fisionomia benevolente, que ouviu sobre a dramática situação: casamento todo preparado; quitandas saindo dos fornos; tachos fumegantes com iguarias para o banquete; café cheirando a fresco; noivos prontos, nos trinques; cartório e igreja à espera; padrinhos na expectativa; convidados às dúzias, vindos de longe, chegando dos mais variados recantos e sertões.

²⁹ Castanheira Filho, na página 160 de sua obra “História de Bom Sucesso”, afirma: “Antigamente, não havendo meios de comunicação, a nossa pequena correspondência era apanhada em Barbacena por um contratado especial, o Sr. Antônio Rodrigues, que a trazia a cavalo, de tantos em tantos dias. Depois, esse serviço era feito em São João del-Rei, sendo encarregado o Sr. Vicente Araújo, também a cavalo. Passava ele por São Tiago, onde deixava a mala de lá. Ao entrar aqui na cidade, tocava uma campainha, avisando ao povo que o correio estava chegando. E os interessados iam a determinado ponto buscar suas cartas e jornais. Com a inauguração da Estrada de Ferro em 1886, foi criada a Agência Postal, melhorando muito o serviço, que passou a ser diário – pois a correspondência vinha diretamente pelo estafeta da estrada e era recebida na Estação Local”. É bom ressaltarmos que São Tiago, por força da Lei nº 1883, de 15/07/1872, foi incorporado ao município de Bom Sucesso, vindo a emancipar-se, por sua vez, nos termos da Lei nº 336, de 27/12/1948.

E tudo poderia ir por água abaixo se não aparecesse, ainda que num passe de mágica, a tal “dispensa”.

Feito o relato José Augusto, homem insinuante, convincente, habilidoso na argumentação, acostumado a negociações por esse mundo de ver Deus, disse ao chefe ali à sua frente:

– O senhor é a única pessoa que pode resolver isso...

– Eu?! Mas como?!

– Providenciando um telegrama em nome do Senhor Arcebispo...

– Não posso fazer isso....

– Pode, sim, meu amigo. E muito! Apenas algumas palavras soltas num papel... Ninguém, muito menos o senhor, vai assinar nada... Um ato cristão, nobre, meu amigo... Até o senhor, como exemplar chefe de família, poderia estar numa situação delicada, aflitiva como essa...

Por sob o monóculo – ajudando-o no manuseio de uma parafernália de papéis e letras – o homem resistiu por algum tempo, mas acabou por condecer-se. Solicitou então, por extenso, os nomes dos noivos. Depois dirigiu-se ao telex e digitou uma curta mensagem do Arcebispado de Belo Horizonte endereçada ao Pároco de São Tiago. Nela, autorizou o enlace dos primos. `

Assim, ao entardecer, José Augusto apeou à porta da casa da família:

– Se havia algum empecilho, agora não há mais. Eis aqui o telegrama de Dom Cabral...

O texto foi levado até Padre José que, arguto, com condescendência, comentou marotamente:

– Ah, sim... Este ofício veio diferente, mas já podemos fazer o casamento.

Dali a dias, com celebração já realizada e cônjuges em lua de mel, chega o documento oficial assinado pelo arcebispo. Timbrado, chancelado, com todo o peculiar linguajar litúrgico, assinado, pomposo, canônico em todos os detalhes. Padre Jose observa-o, lê com toda a malícia e verve e gargalha:

–Duas autorizações! Ora, sim! Casamento consagrado, bem sacramentado esse...

O EXEMPLO COMEÇA EM CASA

Antônio Campos alugara durante sete anos a Fazenda da Guarita (ou Serra da Bandeira), hoje de propriedade dos herdeiros do Sr. Ulisses Alves de Faria. À época, década de 1930, o imóvel pertencia à Paróquia de São Tiago Maior e Sant’Anna .

Os valores do aluguel e outras formalidades contratuais eram ajustados junto a uma comissão paroquial, denominada “Fábrica”, que tinha como missão e função administrar os bens da paróquia. Na prática, era Padre José Duque, o vigário, quem dava a palavra final.

Aliás, muitas pessoas na cidade e mesmo vizinhos pediam lenha a ser retirada nos matos da propriedade, com desculpas de ser para consumo no fogão ou forno caipira, reparar um telhado prestes a ruir ou remendar um tapume. Afinal, aqueles eram tempos de muita pobreza e dificuldade de sobrevivência para muitas famílias.

Eis então que o vigário, condoído, sempre autorizava cortes, com a condição de que os “pedintes” conversassem previamente com o locatário, Sr. Antônio Campos.

Obviamente, ninguém se dirigia ao inquilino, derrubando à socapa toda sorte de árvores, em particular as nobres, objetivando vender. Se interceptados ou questionados, os espertalhões diziam ter “ordem e autorização” de Padre José para tal.

Certa feita, Antônio Campos procurou o religioso a fim de dirimir e esclarecer a questão que para ele, na condição de locatário, passara a ser preocupante e desgastante.

Ouvindo então sobre matas sendo derrubadas e atritos com os cortadores, o vigário foi incisivo:

– Mesmo com a minha anuência, o que faço geralmente por motivos estritamente caritativos e humanitários, só o senhor, ‘Sêo’ Antônio, que está de posse do terreno, pode autorizar em definitivo o abate de lenha.

– Mas o que faço se entrarem no terreno e cortarem tudo sem o meu conhecimento?

– Fazamos assim: o que o senhor encontrar cortado passa a ser seu. Pode levar para a sede da fazenda e fazer o uso que bem lhe aprouver – elucidou o vigário, pondo ponto final no assunto, embora deixando a “batata quente” nas mãos do locatário.

Passados alguns dias, um dos filhos de Antônio, chamado Mário, procurou o pai após andanças pela propriedade:

– Lá nas proximidades da porteira, há muitos moirões cortados. E dos bons...

Então o fazendeiro, ante a prescrição emanada de Padre José, mandou um carro-de-bois até o local e transferiu toda a “mourãozada” para a sede.

Passaram-se dias, semanas. Estranhamente, ninguém apareceu para reclamar e Antônio deduziu que o derrubador, decerto, ficara com receio. Mas alguém, certo momento, apareceu para contar:

– Aqueles moirões eram de Padre José. Foi ele mesmo quem mandou cortar para reformar as cercas do pasto da Fonte de Fora, na cidade, onde ele mantém seus cavalos ...

Preocupado com a notícia, o fazendeiro foi à cidade ter com o pároco uma vez mais. Lá foi informado de que, realmente, os moirões destinavam-se a reparar os tapumes do “pastinho”. Propôs, prontamente, que o material fosse entregue e deixado no lugar. Mas Padre José Duque rejeitou a oferta, peremptoriamente:

– Preceito é preceito. Regra é regra. Eu a descumpri. Daí o senhor fique com os moirões. O exemplo começa em casa!

DA PRÓXIMA VEZ, BUSQUEM OUTROS GALINHEIROS

Caboclo era proprietário, lá pelas décadas de 1940, de uma selaria estabelecida na Rua Francisco das Chagas. Tratava-se de um antigo cômodo praticamente em frente à casa de Padre José Duque. Nele, Caboclo trabalhava em companhia dos filhos jovens, Norberto (Nôte), Roberto e Alberto (Bebeco). Vez ou outra se juntava a eles algum ajudante ou aprendiz eventual, atuando em confecção e reforma de equipamentos e utensílios de couro (como arreatas, bruacas, laçaduras, perneiras).

Desses, Bebeco sempre fora o mais dinâmico, inteligente. Tanto que se tornou o responsável pela manutenção de redes na Usina Hidrelétrica, situada no Rio Sujo, que fornecia energia para a cidade. Dada a precariedade do reservatório e dos equipamentos de então, o serviço só chegava às residências até 22h. Depois disso, São Tiago ficava às escuras ou era ilumi-

nada pelas cintilações da Via Láctea – a que o povo denominava “Caminho de São Tiago”.

Pois bem: a selaria funcionava até madrugada afora e Bebeco conciliava, então, os dois trabalhos. Naqueles tempos, Caboclo e os filhos trabalhavam pesado no curtume, processando todo o couro desde o preparo de limpeza e enrijecimento das peles a seu beneficiamento e transformação em produto final. Eis que havia, então, um contexto frequente: Bebeco ali mourejando à noite e o galinheiro da casa de Padre José Duque bem do outro lado da rua, sempre pejado de aves que paroquianos doavam-lhe em sinal de amizade e apreço.

Com “barriga nas costas” – vazia, funda, fazendo eco e coro ao cacarejar e gargantear dos galináceos tão próximos; além de mocidade pândega, alegre, irreverente, amiga do trabalho e também de farras, Bebeco cedia à tentação.

Em questão de minutos, numa carreira, os muros na casa do vigário eram agilmente escalados. Os cães? Facilmente despistados até que mais uma “penosa” fosse subtraída. Justo lembrar que Bebeco tinha companheiros não só para o trabalho, mas também no preparo de memoráveis galinhadas, sempre bem acompanhadas de uma pinga “Mato Dentro”, sarapatéis, sarabulhos, torresmos. Vez ou outra variavam o prato, arriscando uma Galinha à Cabidela, Arroz com Caldo de Frango, Xinxim... Afinal, dispunha a moçada de muito tempo, energia, espírito aventureiro e sólida estrutura com fogão a lenha e tralhas de cozinha nos fundos da selaria.

Anos se passam, Bebeco se torna jovem feito, bem apessoado, pinta de galã, cheio de donaire. Enamora-se então de Lilia, encontrando forte resistência por parte da família da jovem eleita. Optou aí por raptá-la, o que rendeu muito assunto, mormente pelo seu aspecto romanesco e ousado – prato cheio para carolas e mexeriqueiros. Naqueles tempos, um fato desses implicava em casamento com algum desconforto e forçosidade – algo que subentendia todo um rito: preparos familiares e pessoais, confissão, cerimonial religioso e civil, formalidades canônicas, legais e sociais.

Eis o aspirante a noivo, então, aos pés do confessor, à frente e ante os ouvidos afinados de Padre José. Interrogado sobre seus pecados, o confitente informou ao vigário o fato de sua presença, já de pleno conhecimento público, e a razão de estar se confessando. Um outro pecado: era ele um dos responsáveis pelo sumiço de galinhas no quintal do reverendo. Após ouvi-lo, admoestá-lo, passar-lhe um bom respe e recomendar-lhe algumas penitências, Padre José absolve-o com um chistoso apelo:

– Você, decerto, em se casando, irá moderar suas traquinagens. Mas da próxima vez – e avise isso aos seus amigos de bagunça – escolham outro

galinheiro... Ao roubarem doravante as penas, procurem o quintal de um outro “cristo”.

SERMÃO DO ENCONTRO

Contam por aí que Padre José Duque era um grande pregador sacro, excelente orador, de alta expressividade na voz, expressão fisionômica compatível com o momento (sofrida, cômica, sarcástica...), postura sacerdotal de acordo com as exigências do início do Século XX.

Porém, sua maior inspiração religiosa era investida nas cenas de Paixão e Morte de Jesus Cristo. Os fiéis acompanhavam com piedade e fé cada uma de suas palavras, levando para a vida seus ensinamentos aterrorizantes. Algo tão forte que os discursos do vigário viravam assunto de meses a fio em todas as rodas de conversa de todos os ambientes.

Certa vez, numa Semana Santa, um famoso fazendeiro da região levou consigo, pela primeira vez, um empregado. Os dois queriam acompanhar a Procissão do Encontro entre Nossa Senhora das Dores e seu Divino Filho. Durante o sermão, o homem prestou a máxima atenção no que dizia o grande e exímio orador: a traição dos amigos, a condenação injusta, as injúrias, o desrespeito e as ofensas, a obrigação de carregar a própria cruz.

Ficou, claro, admirado com as observações de José Duque:

- Venha, Maria Santíssima! Observe bem se é mesmo vosso querido Filho. Como Ele está maltratado! Olhe Suas vestes rotas, Sua face ensanguentada, Seus cabelos em desalinho... É ele, Maria Santíssima? Com certeza é vosso amado e querido Filho! Aquele que, mesmo antes de nascer, foi renegado, desprezado, perseguido. Ele que carregastes no colo, procurastes e encontrastes no templo falando do Pai... Ele que transformou água em vinho; curou doenças do corpo e da alma; ressuscitou o amigo; alimentou 5 mil pessoas; abençoou e perdoou; ensinou e contou ricas histórias nas sinagogas e nas montanhas; prometeu um Reino de Paz e Felicidade para aqueles que lhe abrirem os corações... Agora veja, Mãe, quanto sofrimento! Quanta dor! Chegue mais perto... Ainda mais. Silenciosamente. Não há palavras que expressem a tristeza deste momento: só a troca de olhares. Da Mãe para o Filho. Do Filho para a Mãe. Acompanhe seu Filho, Maria Santíssima, no caminho do Calvário. A Senhora sabe que essa é a missão Dele. Como sempre fez, continue guardando tudo no seu coração. Acompanhem também, em silêncio, a dor desta Mãe até o Calvário.

E o padre desceu do púlpito com os olhos marejados de lágrimas. A praça inteira estava em soluços. O agregado, ao lado do fazendeiro, chorava convulsivamente. Mas seguiu a procissão ao som do Moteto dos Passos e do Canto da Verônica.

Sentido, falou o ano inteiro na cerimônia que presenciou sem deixar de se emocionar. Por isso mesmo, no ano seguinte, o patrão convidou-o novamente para participar da Semana Santa. E eis que, ao rever toda a cena e ouvir Padre José Duque, o homem voltou a chorar. Na saída da igreja, disse baixinho para a imagem do Senhor dos Passos:

– Tem dó de sua mãe. Não volte aqui nunca mais.

Chegou então mais uma Semana Santa. Patrão e agregado voltaram ao arraial para se juntar ao público. Absolutamente todos prestaram a mesma atenção ao sermão do Padre José Duque que, em poucos minutos, causou soluços. A comoção só foi interrompida pela voz do humilde trabalhador dizendo à imagem:

– Eeeeeu não vou chorar, não. Te avisei que não viesse! Nem teve dó da coitada da sua mãe!

O HOMEM DA CAPA PRETA

Certa vez, Padre José precisou se ausentar da paróquia por alguns dias, deixando em seu lugar o amigo, companheiro e irmão no sacerdócio, Padre Marciano Siqueira. Nesses dias, uma família residente na Zona Rural, temente a Deus e de tradição cristã católica, trouxe um de seus parentes “possuído pelo demônio” para que o religioso o libertasse do mal.

O rapaz, antes carinhoso, educado e respeitoso, estava agora física, mental, psíquica e emocionalmente irreconhecível. Agressivo e violento, batia no pai e na mãe. Usando palavras de baixo calão, desrespeitava a todos. Além disso, quase sempre nu, escalava morros, valos e barrancos; pulava cercas de arame farpado. Sem saber nadar, entrava em rios e lagoas; enfrentava vacas e touros bravios; assassinava porcos, gatos, cachorros, galinhas.

Nessa situação, familiares e amigos se revezavam vigiando-o de longe, ininterruptamente. Foi então que os familiares foram orientados a levá-lo a um exorcista.

Com muito sacrifício, deslocaram-se da fazenda a algumas léguas da vila de São Tiago e, depois de quase um dia de viagem com o pobre e inquieto moço – praticamente amarrado no lombo do burro mais manso que conseguiram – chegaram ao destino previsto.

Como de costume, foram muito bem acolhidos pela irmã do Padre José Duque, D. Erundina, que imediatamente informou-lhes sobre a ausência dele. Apresentou-lhes, então, Padre Marciano. O substituto logo se inteirou do caso e, com misericórdia e paciência paternas, pediu a todos que aguardassem na cozinha.

No mesmo minuto, convidou amigável e carinhosamente o rapaz para acompanhá-lo a uma sala onde havia várias imagens num enorme oratório, ricamente ornado. Assustado, o jovem observou de relance tudo à sua volta e, caindo de joelhos, disse quase sussurrando:

– Sua bênção, padre.

Surpreso pela mudança brusca de comportamento do seu interlocutor, o religioso inocentemente respondeu:

– Que Deus te abençoe, meu filho!

Foi aí que tudo se transformou. O rapaz deu um pulo do chão, quase atingindo o teto. Para piorar, ameaçou agredir o padre com braços, pernas, unhas e dentes, quebrando tudo o que via e gritando incontrolavelmente:

– Quem que ocê é? Ocê num é nada. Num é ninguém. Num tenho medo docê. Ainda se fosse o outro ômi de capa preta...

O rapaz, então, foi com muito custo levado de volta para casa, sob tristeza e desânimo de todos. Ao voltar de viagem, Padre José logo tomou logo conhecimento do fato e, entristecido, mandou o sacristão Joaquim Marques, a cavalo, até a fazenda. Queria que comunicasse sua volta e pedir, sem demora, a presença do endemoniado.

Após três dias de mais uma sacrificada e cansativa viagem, chegaram todos à casa do pároco. Olhando de frente para o sacerdote, o rapaz tinha agora uma aparência mais humilde e desconfiada. Chamado à sala com oratório, relutou com um gesto. Padre José, então, gritou com voz forte e autoritária, surpreendendo e assustando:

– Venha!

Foi obedecido. De porta fechada e com o padre de pé, o jovem se ajo-

elha a contragosto. Sem dar-lhe tempo, Padre José grita a plenos pulmões:

– Saia!

À sua frente, o moço deita, esperneia, se contorce, resmunga, diz palavras desconexas. O religioso, então, apanha um reio atrás da porta, dá uma fortíssima lambada no chão e repete:

– Saia!!!!

Mais palavras incompreensíveis. Outra lambada. Mais gritos. Sussurros. Silêncio...

Deitado no chão, enrolado em seu próprio corpo, cabeça escondida entre as pernas, o rapaz chora convulsivamente. Padre José Duque, sentado em um banquinho, observa. Minutos que valem uma eternidade. Lentamente o choro cessa. Mais alguns instantes e o exorcizado se ergue do chão:

– Sua bênção, Seu Padre. O que estou fazendo aqui?

– Estávamos rezando, meu filho. Vamos continuar?

Oram mais um pouco. O moço agradece. Discretamente, Padre José Duque o devolve à família, recomendando que nada comentem com ele. Reforça ainda a necessidade de rezarem unidos, agradecendo diariamente a Deus por todas as graças e bênçãos.

Depois disso, silêncio. Em suas andanças e nas prosas com os amigos da farmácia, sempre perguntavam como havia acontecido a expulsão daquele demônio. Padre José desconversou todas as vezes.

DINHEIRO EMPRESTADO

Numa noite escura de inverno, Padre José Duque acordou com gritos debaixo da janela do quarto, que dava para a rua:

– Padre... Por favor! Me ajuda!

O homem de Deus abriu a janela. Escuridão total, já que as ruas do distrito de São Tiago ainda não eram iluminadas. Percebeu, na rua, apenas um vulto.

– O que foi? O que está acontecendo? – quis saber.

– Minha mulher está passando muito mal. Preciso comprar remédios, mas hoje não tenho dinheiro e... Ai, meu Deus... Já estou devendo o farmacêutico, Sr. Henrique Pereira. O senhor me empresta “algum”?

Padre José revirou então o colchão de palha e retirou todo o dinheiro guardado. Sem contar notas e moedas, jogou o que tinha encontrado para o cidadão ali na rua, que agradeceu antes de dar passos apressados e sumir na escuridão profunda.

Já o sacerdote voltou para a cama e custou a dormir, refletindo sobre a carência das famílias no início dos anos 1940. Àquela época, faltava remédio, comida, agasalho e, claro, dinheiro. Para tudo. De bom coração e pastor do povo, logo pediu a Deus que tivesse misericórdia do povo. Só aí adormeceu.

Passado mais de um ano, Padre José Duque não esqueceu aquele fato. Curioso, queria saber quem era o tal homem, se o dinheiro havia ajudado e se a esposa havia melhorado. Pensando “com seus botões”, teve a feliz ideia: no domingo, durante a missa das 10 horas, com igreja cheia de fiéis, contou detalhadamente o fato. E concluiu:

– O empréstimo não foi honrado. Tentaram me passar a perna. Então, se essa senhora melhorou, agora vai adoecer pra valer. Seu mal não terá cura.

Todos ficaram apreensivos e saíram da igreja comentando.

Enquanto isso, o sacerdote tirou os paramentos na sacristia, guardando-os cuidadosamente antes de, como de costume, passar na farmácia do Sr. Henrique Pereira.

De repente o Sr. Carmindo, hábil ferreiro, homem trabalhador, de bom caráter, religioso e honesto, entrou apavorado. Sem maiores cumprimentos, foi dizendo de uma vez:

– Por favor, Padre José, retire a praga que o senhor jogou na minha mulher! Fui eu quem pedi dinheiro emprestado há um tempo atrás. Ainda não lhe paguei porque tenho gastado muito com doença. Mas vou quitar tudo direitinho. Tenha piedade de mim. Perdoa! Eu lhe peço...

O vigário, então, dobrou uma grande gargalhada. Daí abraçou o Sr. Carmindo:

– Não quero receber nada. Só queria saber se o dinheiro valeu e se sua mulher se curou. Curiosidades. Não tem praga nenhuma, amigo! Vá em paz e continue sendo bom marido e pai de família.

TRAPEZISTA

Grande conhecedor e amante da boa música, sacra ou profana, Padre José Duque gostava de tocar bandolim. Aliás, nas horas vagas, integrava uma grande e importante orquestra de São Tiago, no início do Século XX.

Como naquele tempo ainda não havia serviço de som, alto-falante ou sonorização em comunidades pequenas, quando circos chegavam a São Tiago eram anunciados por palhaços andando nas ruas e praças sempre acompanhados por bandos de meninos enquanto cantavam versos ritmados.

À noite, a lona colorida montada em algum canto se enchia de espectadores e a orquestra era convidada para abrilhantar a festa. Padre José Duque, claro, fazia questão de comparecer com seu bandolim, tocando as músicas de sua preferência, rindo das piadas e sofrendo apreensivo com as apresentações mais perigosas.

Certo dia chegou ao povoado uma trupe muito famosa, conhecida em toda região. Palhaço na rua. Orquestra convidada. Instrumentos afinados. Cantores e artistas prontos e muito bem preparados. Chegou, enfim, a hora. Arquibancadas cheias. Músicos a postos. Picadeiro preparado. Números anunciados e surdamente aplaudidos.

Principalmente o da trapezista, ponto alto do espetáculo. No momento certo, aparece sob os holofotes uma adolescente, quase criança. Linda. Artisticamente vestida. Seu rosto, quase uma sombra, brilha à luz trêmula dos lampiões de querosene. A jovem sobe com toda segurança no trapézio, preso no alto da lona. Um palhaço, em seguida, balança com força a corda que a prende e solta no ar, testemunhando uma apresentação com graça e desenvoltura. Não por outro motivo, a moça foi aplaudida com entusiasmo pela plateia.

Já no solo, ela olha o povo e diz:

– Quero homenagear o padre que está aqui dando-nos o prazer e a alegria de sua presença.

Daí improvisa uns versos, cantando:

O Padre José Duque

Por ser um bom rezador de Missa,

O defunto sendo rico

Ele pega no bico da chaleira da patroa.

Ali por perto, o religioso diz com “seus botões”:

– Já estive melhor do que está!

Pega seu bandolim, chama as irmãs e sai em silêncio.

Alguns dias depois, um viajante passa pela casa do pároco e dá a triste notícia:

– Sabe aquela trapezista? Caiu durante uma apresentação em Santa Rita e morreu na hora...

E Padre José:

– Pobre juvenzinha! Que Deus tenha misericórdia de sua alma.

Dizem que nunca mais ele foi visto em espetáculo circense.

SERIAM NUUVENS?

“Morávamos na roça. Eu tinha dois anos e alguns meses. Todos os dias, minha mãe, meu irmão Noé e eu levávamos comida para os porcos em uma área a 500 metros de casa. Certa vez, por volta de 13h, terminamos os preparativos da comida e fomos cumprir nossa obrigação.

Mamãe ia à frente carregando o Noé – com um ano e pouco – e a vasilha de alimentos dos bichos. Eu acompanhava logo atrás, pelo trilho, bem devagar e até com certa dificuldade enquanto observava tudo à volta.

De repente, parei e gritei:

– Mãe, olha lá no céu!

– O que é, menina? – quis saber assustada.

– É Nossa Senhora dando a mão ao Menino Jesus e ao Padre José Duque!

– Que isso, Netinha! São só nuvens, bem branquinhas, muito altas. Presta atenção no caminho e anda mais depressa.

Fiquei quieta e obedeci.

Mais tarde, com o ar muito parado, ouvimos o sino dobrar em São Tiago. Pouco depois, meu pai já estava no curral apartando as vacas quando o som se repetiu. Daí comentou:

– Deve ter morrido alguém muito importante... Que badalada triste...

Eis que, à noitinha, tio Nhozinho chegou com a notícia:

– Padre José Duque faleceu. Foi de repente, em casa, no início da tarde.

Até hoje me pergunto: o que vi naquele dia... eram mesmo só nuvens?''.

A MORTE DO VIGÁRIO 1

Era véspera das tradicionais Festas de Agosto. Todas as famílias – como de costume – se organizaram para receber visitas; fizeram quitutes; mataram porcos; foram às costureiras encomendar roupas. A localidade se transformou. Os ares pareciam diferentes.

Na casa do Padre José Duque, irmã e vizinhas preparavam delícias desde cedo. Com isso, enquanto assavam as quitandas no velho forno de cupim, iam faxinando todos os cômodos. Duas mocinhas estavam por lá – sendo uma delas a filha de uma das biscoiteiras. Como andavam de um lado para o outro, aliás, ganharam o apelido de “Formigas Quenquém”.

Já Padre José se levantou e se retirou em direção à “privada”, no quin-

tal. A demora, porém, se tornou grande; e as tais mocinhas, muito atentas, resolveram checar o que havia acontecido. Ao chegar à porta do banheiro improvisado, resolveram chamar. O vigário não respondeu. Empurraram, então, a porta...

Eis que lá estava o amado pastor, imóvel, com os óculos caídos ao chão. As meninas saíram correndo, gritando e pedindo ajuda. Quem estava na casa tentou acudir. Mas já era tarde.

Logo toda a cidade ficou sabendo. Quanta tristeza dos paroquianos! Morria ali o líder religioso, o amigo, o conselheiro. Padre Francisco Elói ajudou nas providências para a organização do velório e, ainda pela manhã, comunicou o bispo diocesano, Dom José, além de vigários das paróquias. O sepultamento do reverendíssimo Padre José foi feito no cemitério local, em 12 de agosto de 1955.

A MORTE DO VIGÁRIO 2

No dia 11 de agosto de 1955, as irmãs do Padre José Duque faziam biscoitos em casa quando sentiram a falta dele. Saíram para procurá-lo enquanto os quitutes seguiam ao forno e, no quintal, encontraram o vigário caído, morto. O tumulto da descoberta e do luto durou por muito tempo.

Mais tarde, quando as irmãs se lembraram de conferir a fornada, saíram em disparada. Para surpresa de todos, os biscoitos estavam assados, perfeitos, sem queimar...

Padre José Duque:
sua história em fotos



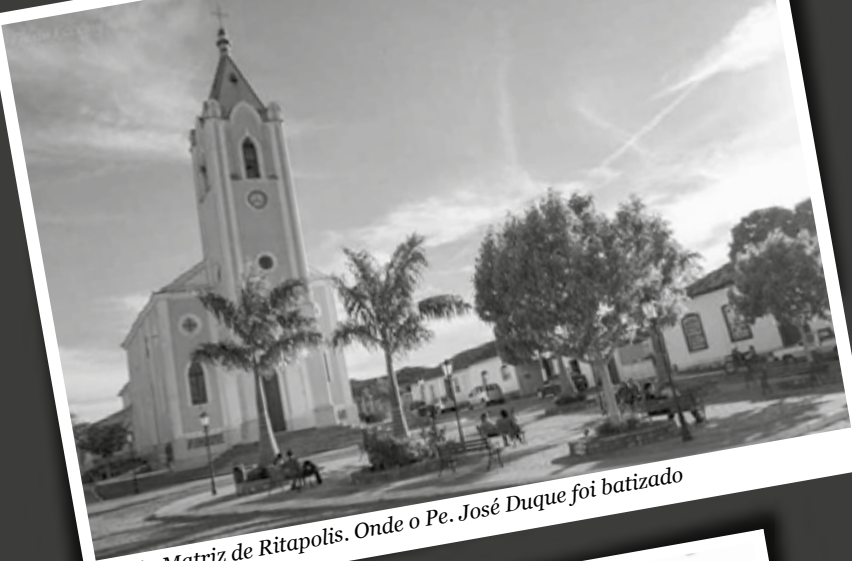
Casa do Pe. José Duque na antiga Rua Dom Viçoso - onde a mesma tem seu nome



Padre José Duque de Siqueira com alguns familiares



Casa Paroquial



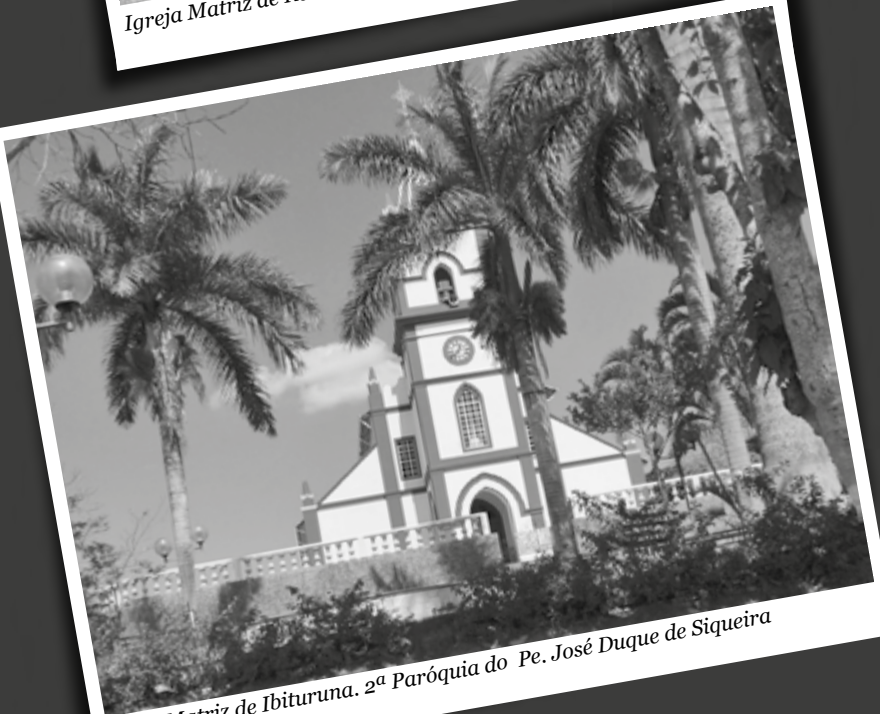
Igreja Matriz de Ritapolis. Onde o Pe. José Duque foi batizado



Catedral de Mariana - Presume-se que foi ordenado nesta catedral o Pe. José Duque de Siqueira



Igreja Matriz de Resende Costa. 1ª Paróquia do Pe. José Duque de Siqueira



Igreja Matriz de Ibituruna. 2ª Paróquia do Pe. José Duque de Siqueira



Igreja Matriz de São Tiago



Igreja Matriz de Mercês de Água Limpa - Onde Pe. José Duque de Siqueira atuou ao mesmo tempo estando em São Tiago

FONTE INTERNET - [HTTTPAROQUIASEBASTIAOBARBACENA.BLOGSPOT.COM](http://PAROQUIASEBASTIAOBARBACENA.BLOGSPOT.COM)



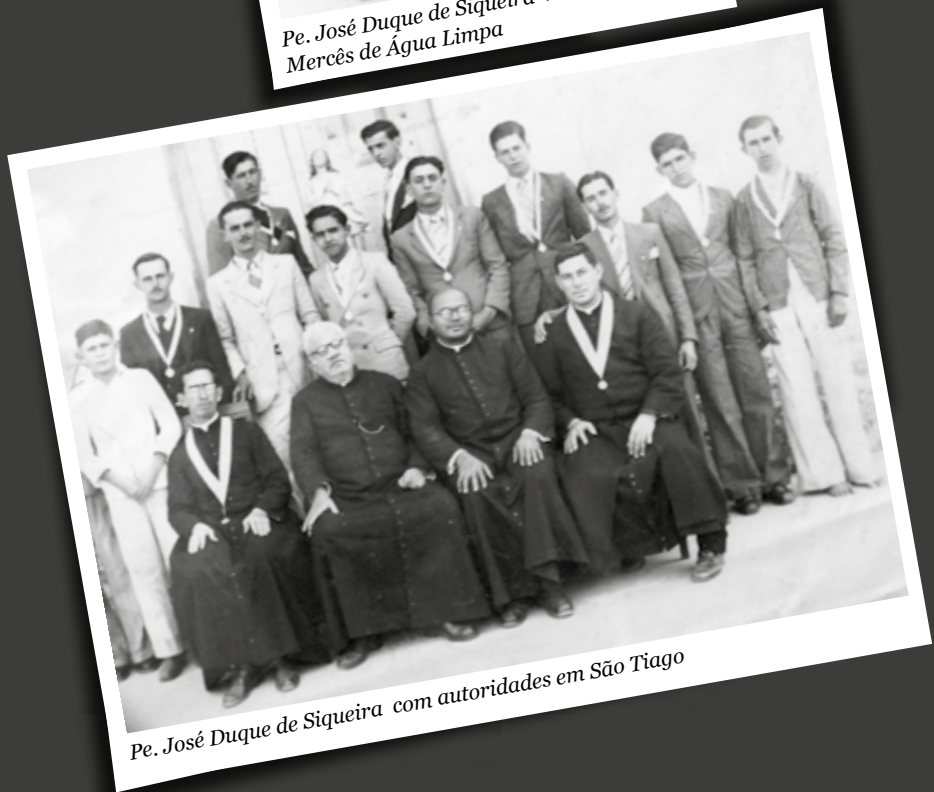
Seminário São José onde Pe. José Duque de Siqueira estudou



Interior da Igreja Matriz de São Tiago



Pe. José Duque de Siqueira nas Missões em
Mercês de Água Limpa



Pe. José Duque de Siqueira com autoridades em São Tiago



Velório do Pe. José Duque de Siqueira em sua residência



Pe. José Duque de Siqueira - cortejo funebre saindo da Igreja Matriz



J. M. J.
 «Combateu o bom combate; guardou a fé;
 consumou sua carreira; foi-lhe reservada
 a coroa da justiça». (São Paulo)



Recordação saudosa do
REVMO. Pe. JOSÉ DUQUE DE SIQUEIRA
 ORAÇÃO

Permiti, Senhor, vos imploramos, que a alma do vosso servo José, que elevastes à dignidade do sagrado ministério, ocupe um lugar no céu, onde no meio das alegrias eternas goze a plenitude da glória. Por Cristo, Nosso Senhor. Amen.

PADRE JOSÉ DUQUE DE SIQUEIRA
 Vigário de São Tiago - Minas

Nasceu em Santa Rita do Rio Abaixo, Município de São João d'El Rei, Minas, a 11 de fevereiro de 1868. Ordenou-se sacerdote no dia 11 de abril de 1891, sendo oficiante D. Silvério Gompa Pimenta, Arcebispo de Mariana, onde fez os cursos filosóficos e teológico. Foi vigário das Paróquias de Rezende Costa, Ibitaruna e São Tiago, onde desenvolveu um apostolado fecundo, em prol das almas e da glória de Deus. Em São Tiago, onde esteve como vigário por mais de 50 anos, veio a falecer no dia 11 de agosto de 1955, chamado por Deus para receber o prêmio de suas virtudes diamantinas e sacerdotais.



Homenagem e gratidão eternas da Paróquia de São Tiago.
 Saudades de seus manos, sobrinhos e amigos!
 Descanse em paz no sono dos justos!

Lembrança de sepultamento - Santinho do Pe. José Duque de Siqueira



Velório do Pe. José Duque de Siqueira
em sua residência

PADRE JOSÉ DUQUE DE SIQUEIRA
Vigário de São Tiago - Minas

Nasceu em Santa Rita do Rio Abaixo, Município de São João d'El Rei, Minas, a 11 de fevereiro de 1868. Ordenou-se sacerdote no dia 11 de abril de 1891, sendo oficiante D. Silvério Gomes Pimenta, Arcebispo de Mariana, onde fez os cursos filosófico e teológico. Foi vigário das Paróquias de Rezende Costa, Ibituruna e São Tiago, onde desenvolveu um apostolado fecundo, em prol das almas e da glória de Deus. Em São Tiago, onde esteve como vigário por mais de 50 anos, veio a falecer no dia 11 de agosto de 1955, chamado por Deus para receber o prêmio de suas virtudes diamantinas e sacerdotais.



Lembrança de sepultamento - Santinho do
Pe. José Duque de Siqueira

REFERÊNCIAS BIOGRÁFICAS

A “PELADA” na Praça da Matriz. **Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes**: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Jul.2010. Ao Pé da Fogueira, p. 01.

A CALÇA furada. **Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes**: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Ago.2009. Ao Pé da Fogueira, p. 01.

A ENCOMENDAÇÃO de Almas. **Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes**: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Nov.2008. Ao Pé da Fogueira, p. 01.

A LADAINHA. **Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes**: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Jun.2013, p. 08.

A MENINA gripada. **Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes**: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Dez.2009. Ao Pé da Fogueira, p.01.

A MORTE do Vigário (11/08/1955). **Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes**: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Mai./2018, p.10-11.

A MULA que não tolerava esporas. **Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes**: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Mar.2010, p.08.

A REVOLTA dos Manganês e outras histórias. **Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes**: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Set.2017, p.15-16.

A SURRA na porta. **Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes**: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Mai.2008. Ao Pé da Fogueira, p.01.

CAUSO. **Informativo Santiaguense**. São Tiago, Fev.1992, p.02.

CAUSO. **Informativo Santiaguense**. São Tiago, n.44, Nov.1981, p.01.

CAUSO do Padre José Duque. **Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes**: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Abr.2008. Ao Pé da Fogueira, p.01.

*CAUSO do Padre José Duque. **Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes:** Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Nov.2007. Ao Pé da Fogueira, p.01.*

*CAUSO do Padre José Duque. **Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes:** Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Out.2008. Ao Pé da Fogueira, p.01.*

*CAUSO do Padre José Duque. **Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes:** Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Set.2009. Ao Pé da Fogueira, p.01.*

*CAUSOS. **Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes:** Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Jul.2009. Ao Pé da Fogueira, p.01.*

*CAUSOS – Padre José Duque. **Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes:** Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Abr.2011. Ao Pé da Fogueira, p.01.*

*CAUSOS – Padre José Duque. **Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes:** Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Ago.2010. Ao Pé da Fogueira, p.01.*

*CAUSOS – Padre José Duque. **Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes:** Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Jul.2011. Ao Pé da Fogueira, p.01.*

*CAUSOS do Padre José Duque. **Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes:** Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Abr.2009. Ao Pé da Fogueira, p.01.*

*CAUSOS do Padre José Duque. **Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes:** Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Dez.2008. Ao Pé da Fogueira, p.01.*

*CAUSOS do Padre José Duque. **Informativo Santiaguense.** São Tiago, Jan-Fev.1987.*

*CAUSOS inéditos do Padre José Duque. **Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes:** Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Ago.2008. Ao Pé da Fogueira, p.01.*

*CAUSOS inéditos do Padre José Duque. **Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes:** Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Jan.2011, p.03.*

CINQUENTENÁRIO do falecimento de Padre José Duque (1955-2005). Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Ago.2009, p.03.

CONSELHOS do Sô Vigário. Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Mai./2018, p.10-11.

INTERVENÇÃO Sobrenatural. Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Mai./2017, p.01.

LICENÇA só se for para sair. Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Mai./2009. Ao Pé da Fogueira, p.01.

ME larga, manganês. Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Mai./2009. Ao Pé da Fogueira, p.01.

NÃO canta, não! Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Mar./2012, p.07.

O BURRO hospedeiro. Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Ago./2013, p.04-05.

O CAFÉ pelando. Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Jan./2009. Ao Pé da Fogueira, p.01.

O EXORCISMO do Padre Zé Duque e outras histórias. Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Ago./2015, p.10-11.

O GUARDA-CHUVA. Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Jul./2009. Ao Pé da Fogueira, p.01.

O SUMIÇO do dinheiro. Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Jan./2015. Ao Pé da Fogueira, p.01.

EM Santa Rita não nascerão vocações durante 100 anos. Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes: Cooperativa de Crédito de

Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Jan./2015. Ao Pé da Fogueira, p.01.

PARA fintadores, o inferno. Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Jun./2009. Ao Pé da Fogueira, p.01.

PE. José Duque: homem de fé, homem de Deus. Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Nov./2016, p.01.

PE. José Duque de Siqueira: traços de sua biografia. Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Jul./2011, p.04.

PE. José Duque de Siqueira e os viajantes. Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Mar./2016, p.09.

QUE caia um raio aqui e agora. Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Nov./2009. Ao Pé da Fogueira, p.01.

RELEMBRANÇAS – Pe. José Duque. Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Fev./2016, p.09.

REVOLTA dos manganeses. Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Fev./2016, p.09.

SESQUICENTENÁRIO de nascimento do Pe. José Duque de Siqueira. Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Jul./2015, p.10.

UMA história, duas versões. Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Out./2007. Ao Pé da Fogueira, p.01.

VILA de Nossa Senhora da Penha de Franca da Lage. Boletim Cultural e Memorialístico Sabores e Saberes: Cooperativa de Crédito de Livre Admissão Campos das Vertentes Ltda. São Tiago, Ago./2015, p.12.



Um cavalo que só se movia sob o comando de “Graças a Deus!”; o bebê que seria batizado com o nome de “Carnavá”; o turco que não conhecia Jesus Cristo; as almas que “gostavam de bagunça”; os manganeses e suas perigosas ameaças.

Todos esses enredos fazem parte da coleção de “causos” envolvendo o nome do saudoso Padre José Duque – seja como protagonista ou narrador.

E eis que, da porta de uma farmácia em São Tiago ao púlpito da igreja local; das rodas de conversa há mais de meio século aos dedos de prosa atuais... todos eles seguem contados, recontados, transformados e, acima de tudo, lembrados.

Este livro, o segundo da Coleção Vertentes Cultural, é um símbolo impresso nos esforços por perpetuar a memória não apenas do religioso, mas também de uma época e seu povo. Ao mesmo tempo, é uma celebração ao talento nato de uma comunidade inteira em manter acesa, através da oralidade, a chama das boas, construtoras e transformadoras histórias.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-92917-01-2



9 788592 917012